



Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

O pós-materialismo e a crise económica. Análise a quatro países europeus

João Morgado Vargas

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Ciência Política

Orientadora:

Professora Doutora Ana Maria Belchior, Professora Auxiliar
Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2015



Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

O pós-materialismo e a crise económica. Análise a quatro países europeus

João Morgado Vargas

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Ciência Política

Orientadora:

Professora Doutora Ana Maria Belchior, Professora Auxiliar
Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2015

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma dissertação de Mestrado, como muitos outros trabalhos académicos, é uma tarefa que pode, muitas vezes, tornar-se solitária, exigindo grande capacidade de trabalho individual. Ainda assim, por um motivo ou por outro, não é possível desenvolver este tipo de trabalho sem a interferência e a sustentação de terceiros, a quem me cabe agradecer.

No âmbito académico, é impossível não deixar uma palavra de agradecimento ao ISCTE-IUL enquanto instituição, por possibilitar a todos os seus alunos as condições físicas e intelectuais para o desenvolvimento de diversos trabalhos de investigação. Noutros contextos seria, sem dúvida, mais difícil terminar uma investigação. Mas é também necessário louvar o corpo docente desta instituição, com especial destaque para o Departamentos de Ciência Política e Políticas Públicas. Além disso, por todos os conselhos, revisões e esclarecimentos, cabe-me um agradecimento especial à Professora Ana Belchior, que me guiou de forma exímia na elaboração deste trabalho, nem sempre com facilidade.

Mas porque uma dissertação de mestrado exige também um grande esforço pessoal, há alguns agradecimentos imprescindíveis.

À Rita e ao Tiago, agradeço a compreensão, a disponibilidade e a flexibilidade sem as quais nunca teria encontrado o tempo necessário para terminar este trabalho.

Aos meus amigos, pelos momentos de descontração, de relativização e de paciência, quer permitiram não perder a coragem para terminar esta empreitada.

À minha família mais próxima, aos meus pais, à minha irmã, à minha avó, um agradecimento especial por terem sido o pilar central que sempre foram, sem o qual teria sido impossível embarcar nesta aventura, como em tantas outras.

À Alexandra, pelos conselhos, pela paciência, pela compreensão, pelas revisões de última hora e, sobretudo, pela amizade incomparável.

Ao meu avô, que não tendo estado fisicamente presente durante toda esta jornada foi o principal impulsionador deste projecto. Por, desde muito cedo e com toda a sua sabedoria, me ter ensinado a pensar e a questionar o mundo que nos rodeia, o agradecimento é eterno e insuperável. Perdoar-me-ão os restantes, mas é a ele, sobretudo, que dedico este trabalho.

RESUMO

Num momento em que a Europa começa a dar sinais de recuperação de uma das mais graves crises económicas das últimas décadas, importa aferir a importância que a crise possa potencialmente ter tido na evolução dos valores pós-materialistas dos cidadãos, como inicialmente previsto por Inglehart (1971). Inglehart postulou que o caminho em direcção ao pós-materialismo seria irreversível e que uma situação de crise poderia apenas abrandar temporariamente esta evolução. Assim, afigurou-se relevante perceber até que ponto a crise económico-financeira de 2008 abrandou ou não a evolução em direcção ao pós-materialismo, analisando dados estatísticos e económicos relativos a quatro países europeus: Alemanha, Holanda, Espanha e Suécia. Além disso, importa ainda confirmar se o apoio eleitoral pós-materialistas se continua a concentrar na esquerda do espectro político e verificar de que modo evoluiu antes e depois da crise. Para responder a estes objectivos, serão analisados dados longitudinais de diversas vagas do World Values Survey e do European Values Study, além de dados macroeconómicos disponibilizados pelo Eurostat.

Palavras-chave: Pós-materialismo, voto, crise, apoio eleitoral, partidos políticos

ABSTRACT

While Europe is recovering from one of the most challenging economic crisis of the last decades, it is important to evaluate the impact this context has had in the evolution of the post-materialist values, as proposed by Inglehart (1971). Inglehart postulated that the path towards post-materialism would be irreversible and that a crisis context could just slow it for a while. Thus, it is key to understand in which way the 2008 economic and financial crisis slowed the path towards the post-materialism by analyzing statistical and economic data for four European countries: Germany, Netherlands, Spain and Sweden. Besides, we want to confirm if the post-materialists electoral support still concentrates on the left and verify its evolution before and after the crisis. To answer these objectives, we will analyze longitudinal data from several waves of World Values Survey and European Values Study, complemented by Eurostat macroeconomic data.

Keywords: Post-materialism, vote, crisis, electoral support, political parties

ÍNDICE

Introdução.....	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 1 - Revisão de literatura.....	Error! Bookmark not defined.
1.1 O pós-materialismo	3
1.2 O pós-materialismo e o voto	8
1.3 Hipóteses de trabalho.....	10
Capítulo 2 - Metodologia.....	12
Capítulo 3 - Análise de dados.....	17
3.1 O pós-materialismo e a crise	17
3.1.1 - Alemanha	19
3.1.2 - Holanda.....	20
3.1.3 - Espanha	21
3.1.4 - Suécia	23
3.2 O apoio eleitoral dos pós-materialistas após a emergência da crise.....	25
3.2.1 - Alemanha	25
3.2.2 - Holanda.....	28
3.2.3 - Espanha	30
3.2.4 - Suécia	32
Conclusões.....	Error! Bookmark not defined.
Fontes	Error! Bookmark not defined.
Bibliografia.....	Error! Bookmark not defined.
Anexo 1 - Acrónimos.....	Error! Bookmark not defined.
Anexo 2 – Curriculum Vitae	II

Índice de tabelas

Tabela 3.1 - Diferença entre pós-materialistas e materialistas em quatro países europeus entre 1981 e 2014.	18
Tabela 3.2 – O voto Materialista e Pós-Materialista nos partidos alemães.	27
Tabela 3.3 - O voto Materialista e Pós-Materialista nos partidos holandeses.	29
Tabela 3.4 - O voto Materialista e Pós-Materialista nos partidos espanhóis.	31
Tabela 3.5 - O voto Materialista e Pós-Materialista nos partidos suecos.	33

Índice de gráficos

Gráfico 3.1 - Evolução do PDI na Alemanha, Holanda, Espanha e Suécia.	18
Gráfico 3.2 - Evolução do PDI e de alguns indicadores macroeconómicos na Alemanha entre 1999 e 2014.	20
Gráfico 3.3 - Evolução do PDI e de alguns indicadores macroeconómicos na Holanda entre 1999 e 2014.	21
Gráfico 3.4 - Evolução do PDI e de alguns indicadores macroeconómicos na Espanha entre 1999 e 2014.	22
Gráfico 3.5 - Evolução do PDI e de alguns indicadores macroeconómicos na Suécia entre 1999 e 2014.	23
Gráfico 3.6 - Divisão dos eleitores de cada partido político alemão entre materialistas, pós-materialistas e mistos.	26
Gráfico 3.7 - Divisão dos eleitores de cada partido político holandês entre materialistas, pós-materialistas e mistos.	28
Gráfico 3.8 - Divisão dos eleitores de cada partido político espanhol entre materialistas, pós-materialistas e mistos.	30
Gráfico 3.9 - Divisão dos eleitores de cada partido político sueco entre materialistas, pós-materialistas e mistos.	32

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é desenvolvida no âmbito do Mestrado em Ciência Política do ISCTE-IUL e tem como principal objectivo contribuir para a compreensão mais alargada da evolução do pós-materialismo na Europa e, em particular, do modo como os valores pós-materialistas têm sido capazes de resistir à grave crise económica que afectou este continente desde 2008.

O estudo dos valores pós-materialistas não é novo e tem sido vastamente discutido e problematizado. Esta teoria foi primeiramente avançada por Ronald Inglehart, mas foi depois explorada por diversos autores, entre críticos e apoiantes (Inglehart, 1971; Inglehart e Flanagan, 1987; Clarke e Dutt, 1991; Duch e Taylor, 1993; Tranter e Western, 2009). O momento presente afigura-se como ideal para voltar a Inglehart e à sua teoria inicial uma vez que a Europa começa a emergir de uma das mais graves crises económicas das últimas décadas. A crise económica (e a existência de dados prévios e posteriores à sua emergência) oferece uma condição singular para compreender em que medida a proposta de Inglehart tem efectivamente solidez, ao permitir testar a sua robustez num contexto de grave crise económica, com a subsequente degradação das condições sociais de vida.

No desenvolvimento da sua teoria, Inglehart postulou que as sociedades ocidentais desenvolvidas caminham em direcção a uma maior valorização de preocupações pós-materialistas, como a qualidade de vida e a liberdade de expressão, em detrimento de valores materialistas, como a ordem e a segurança económica. Os detalhes da proposta de Inglehart serão abordados adiante, mas a tese central do autor aponta para um irreversível caminhar no sentido do pós-materialismo, numa marcha que será universal e a que alguns efeitos de período, como a inflação, poderão apenas causar algum retardamento.

Após a emergência da grave crise económica em 2008, e que desde então assola a Europa, estão reunidas condições que alteram substancialmente o cenário em que a tese do pós-materialismo foi concebida e que questionam as suas premissas de base, em particular a que respeita à satisfação das necessidades relacionadas com as condições materiais de vida. Importa por isso perceber se o impacto da crise foi apenas marginal e a marcha em direcção ao pós-materialismo subsiste, como proposto por Inglehart. Mais que isso, importa perceber as consequências da crise em termos de estruturas de apoio eleitoral no que respeita à relevância dos valores materialistas e pós-materialistas. Isto é, pretende-se averiguar se o apoio eleitoral dos indivíduos pós-materialistas se alterou ou se, de um modo geral, se mantém similar ao período antes da crise. Estes são assim os dois principais objectivos da pesquisa.

Em linha com os objectivos a que se propõe, esta investigação visa responder à seguinte pergunta de partida: ***Em que medida a anunciada tendência das sociedades industriais desenvolvidas para o crescimento do pós-materialismo se observa na Europa, e em que medida subsiste após a emergência da crise financeira de 2008? E que consequência teve a emergência da crise em termos de estruturas de apoios eleitorais dos pós-materialistas vs. materialistas?***

Apesar de toda a Europa ter sido, em maior ou menor grau, afectada pela crise de 2008, neste trabalho iremos concentrar-nos em analisar a realidade de Alemanha, Holanda, Espanha e Suécia (os detalhes na base da selecção destes casos serão clarificados adiante). Analisar-se-á em detalhe a evolução do índice pós-materialista durante os últimos quinze anos, de modo a ter um lapso temporal suficientemente alargado que nos permita interpretar tendências e fazer a comparação da Europa antes e depois do início da crise.

Aliada ao contexto económico e social do momento presente, a disponibilização de novos dados referentes à última vaga do World Values Survey (WVS), em Abril de 2014, permite voltar a testar a bateria de Inglehart sobre o pós-materialismo. A existência destes dados recentes, em conjugação com dados já anteriormente disponibilizados, quer pelo WVS, quer pelo European Values Study (EVS), permite traçar uma análise longitudinal sobre a evolução do índice de pós-materialismo e conhecer um pouco melhor o perfil dos indivíduos pós-materialistas.

Numa primeira fase desta investigação, procuraremos apenas perceber a evolução do índice pós-materialista e compará-la com a evolução de alguns indicadores económicos e sociais importantes nos países em análise, como o desemprego e a inflação. Num momento posterior, o objectivo será olhar com atenção para o eleitorado dos partidos com assento parlamentar nesses países, procurando assim perceber em que medida ser ou não ser pós-materialista é um elemento explicativo relevante para o respectivo apoio eleitoral.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA

1.1 O pós-materialismo

Após a Segunda Guerra Mundial, a Europa entrou numa época de paz e prosperidade. Ainda que ensombrada por uma Guerra Fria entre um bloco ocidental pró-EUA e um bloco de Leste deferente à União Soviética, a partir da década de 1950 o velho continente viveu um dos mais longos períodos de paz e crescimento económico da história, embora nem sempre constante. Mesmo com uma cortina de ferro a dividir Este e Oeste; mesmo com a mão de ferro de alguns regimes socialistas; mesmo com a crescente dependência de mercados financeiros e da volatilidade de bens como o petróleo, foi na segunda metade do século XX que a Europa reuniu as condições necessárias para se construir e fortalecer enquanto um corpo político uno – era este, pelo menos, um dos principais objectivos subjacentes à criação das diversas instituições transnacionais europeias que viriam a culminar na evolução para uma União Europeia e para uma moeda comum.

Não nos deteremos sobre os progressos políticos e económicos da Europa unida, mas realçamos este contexto como determinante para que a sociedade europeia pudesse evoluir e desenvolver novos centros de interesse. Com efeito, foi na segunda metade do século XX que os valores tradicionais da sociedade outrora instável e imprevisível começaram a alterar-se com vista a novas preocupações. Ronald Inglehart foi um dos primeiros sociólogos a estudar a mudança dos valores da sociedade europeia neste período (Inglehart, 1971; 1990; 1997; 2008; Abramson e Inglehart, 1987, 1995; Abramson et al, 1997; Inglehart e Welzel, 2005). Este autor concebe os valores organizados numa dicotomia materialismo/pós-materialismo, alertando que as sociedades pós-industriais estariam a alterar a ênfase de valores materiais para valores pós-materiais, tese que é inicialmente proposta no texto *The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-Industrial Societies*, então ainda sob a primeira designação de “*acquisitive values*” e “*post-bourgeois values*” (Inglehart, 1971).

Ao longo das últimas décadas, a teoria de Inglehart foi sobejamente estudada, verificada, comprovada, questionada, criticada, repensada. Em todo o caso, importa rever brevemente em que se centra esta abordagem e o que lhe está inerente.

É importante manter presente o contexto socioeconómico e político da Europa a partir dos anos 1950, uma vez que é aí que residirá a explicação para a evolução da sociedade no sentido do pós-materialismo. Com efeito, Inglehart atentou nos valores materialistas em que os cidadãos se concentravam até então e que, de um modo geral, estavam relacionados com a segurança física e económica da população. Em contraponto, os valores pós-materialistas

estão relacionados com «auto-estima, liberdade de expressão e satisfação estética» (Inglehart, 1990: 68).

Segundo Inglehart, «as prioridades nas sociedades industriais avançadas tenderão a mudar das preocupações ‘materialistas’ com segurança física e económica para um maior ênfase na liberdade, liberdade de expressão, qualidade de vida, os valores ‘pós-materialistas’» (Abramson, Ellis e Inglehart, 1997: 41). Como sintetizam Tranter e Western, «uma vez alcançadas as necessidades físicas e fisiológicas necessárias à segurança e sobrevivência humana, as necessidades não-fisiológicas como auto-estima, liberdade de expressão e realização própria podem ser tidas em conta» (2009: 146).

A proposta de Inglehart apoia-se teoricamente na concepção da hierarquia de necessidades de Abraham Maslow. Segundo este autor norte-americano, o ser humano tem determinadas necessidades básicas, apenas após a satisfação das quais se pode preocupar em satisfazer outro tipo de necessidades superiores (Maslow, 1943). Daqui Inglehart infere que, uma vez satisfeitas as necessidades relacionadas com a segurança física e económica, o indivíduo concentrar-se-á noutro tipo de preocupações mais subjectivas.

Inglehart suporta a sua proposta em duas hipóteses fundamentais: a escassez e a socialização. A escassez decorre do pensamento de Maslow, considerando que «idealmente todos os indivíduos ambicionam a liberdade e a autonomia mas tendem a dar valor às necessidades mais prementes (...). Quando são escassas, as pessoas dão prioridade a estes objectivos materialistas; mas em condições de prosperidade, será mais provável às pessoas enfatizarem os objectivos pós-materialistas» (Inglehart, 2008: 131). A ideia central é a de que, se as condições necessárias à satisfação das necessidades primárias escassearem, os indivíduos irão privilegiá-las. Pelo contrário, se estiverem satisfeitas, haverá espaço para satisfazer outras necessidades. Assim, esta hipótese prevê um aceleração da mudança dos valores materialistas para os valores pós-materialistas já que para que tal aconteça é apenas necessário garantir que as necessidades básicas estão satisfeitas, o que de forma geral se verificou no mundo ocidental após a Segunda Guerra Mundial.

A hipótese da socialização está relacionada com o período em que um indivíduo desenvolve o seu quadro de prioridades e do contexto desse momento. Assim, as principais preocupações individuais não são determinadas pela escassez do momento presente mas antes pelas condições que moldaram o indivíduo nos anos de formação e consolidação das suas prioridades. A mudança de valores é, por isso, gradual, e não um reflexo imediato da realidade, já que «os valores básicos de alguém reflectem as condições que prevaleceram durante os seus anos de pré-adulto e alteram-se principalmente através da substituição

intergeracional da população» (Inglehart, 2008: 131). Na prática, significa isto que mesmo que num dado momento se assista a uma escassez de bens económicos, se um indivíduo se tiver desenvolvido intelectualmente num contexto de prosperidade, tenderá a continuar a centrar-se em preocupações pós-materialistas.

Em suma, como explica Inglehart, «enquanto a hipótese da escassez considera que a prosperidade conduz a um aumento dos valores pós-materialistas, a hipótese da socialização defende que a mudança fundamental nos valores acontece gradualmente» (2008: 132).

Uma ideia central à teoria de Inglehart é a substituição geracional que assenta no princípio básico da renovação de gerações. Na sequência das duas hipóteses propostas, Inglehart considera que as gerações mais novas, que tiveram o seu período de formação já após a Segunda Guerra Mundial e num contexto de paz e prosperidade, são mais pós-materialistas: «à medida que os Europeus mais velhos, mais materialistas, morrem, são continuamente substituídos por Europeus mais novos, menos materialistas» (Abramson e Inglehart, 1987: 232). Além disso, é também determinante para o desenvolvimento de valores pós-materialistas o facto das populações europeias nascidas e formadas no pós-Guerra serem substancialmente mais cultas e com um maior nível de educação (Inglehart, 1971: 994).

Inglehart aponta ainda para o efeito ciclo de vida, que poderia influenciar esta evolução. De acordo com o autor, «o efeito ciclo de vida prevê que os mais jovens se tornarão materialistas ao envelhecer» (Inglehart, 2008: 133). Como se percebe, estas duas concepções não são compatíveis, motivo pelo qual Inglehart acaba por considerar que, de um modo geral o efeito ciclo de vida não se verifica e que é a substituição das faixas etárias mais velhas por faixas etárias mais novas que leva a um crescimento no pós-materialismo (Inglehart, 2000: 222; 2008: 141-142).

Este crescimento pode, no entanto, ser contrariado em determinados momentos por efeitos de curto prazo. De facto, em períodos de recessão, a tendência geral para o pós-materialismo pode ser contrariada, uma vez que «a adversidade económica estimula as preocupações materialistas» (Abramson e Inglehart, 1987: 232). Importa, no entanto, realçar que, para Inglehart, é importante não confundir os efeitos de curto prazo com uma não renovação geracional. De facto, «durante curtos períodos, um efeito de período que empurre as faixas etárias para baixo [em direcção ao materialismo] pode dar a errónea impressão de que as diferenças de idade reflectem o efeito ciclo de vida» (Inglehart, 2008: 135).

Duch e Taylor resumem a posição de Inglehart a três premissas básicas: «1) níveis elevados de riqueza económica estão associados a uma maior receptividade a valores pós-materialistas; 2) a propensão para aceitar estes valores é adquirida numa idade jovem e 3)

poderão haver efeitos de período e de envelhecimento mas não suplantam significativamente os valores adquiridos na juventude» (Duch e Taylor, 1993: 750).

Esta tese tem sido revista diversas vezes nas últimas décadas e até o pressuposto inicial baseado na teoria da hierarquia das necessidades de Maslow já foi relegado para um plano secundário por Inglehart, que passou a adoptar o conceito de “utilidade marginal decrescente”. O mecanismo por trás deste conceito é até semelhante à ideia de Maslow e postula que «à medida que a escassez [económica] diminui, outros factores moldam a sociedade» (Inglehart e Flanagan, 1987: 1289). Contudo nesta nova abordagem o contexto socioeconómico dos anos de formação do indivíduo deixa de ter tanta relevância, uma vez que o que conta é o momento actual e está dependente do contexto (Inglehart e Flanagan, 1987: 1310).

Apesar de toda a literatura que procura comprová-la, a teoria de Inglehart não é unânime nem isenta de críticas (Duch e Taylor, 1993; Trump, 1991; Flanagan, 1982; Davis e Davenport, 1999; Clarke e Dutt, 1991; Tasić e Ratković, 2011). Uma das principais críticas à proposta de Inglehart reside numa das suas premissas básicas. Inglehart considera que as condições económicas são determinantes para a orientação dos valores individuais e coloca o foco nas condições económicas existentes na idade de formação de opinião dos cidadãos. Vários autores consideram que na verdade as condições económicas importantes, nomeadamente a inflação, que têm real impacto na determinação dos valores do indivíduo, são as que se verificam no momento em que o questionário é realizado. Além disso, alguns autores avançam mesmo que os inquéritos se devem realizar nos anos de formação dos indivíduos e não recorrer apenas a «medidas indirectas» das condições económicas relativas a esse período (Duch e Taylor, 1993; Trump, 1991; Flanagan, 1982).

Um grande objecto de crítica tem sido também o próprio índice construído por Inglehart. Harold Clarke critica o facto de não incluir nenhuma hipótese relacionada com o desemprego, o que levará os inquiridos a fazer uma segunda escolha, sendo que a sua primeira preocupação ficará fora do âmbito do estudo (Clarke e Dutt, 1991; Clarke, 2000). Davis e Davenport explicam que a ausência do desemprego no índice pode induzir a resultados erróneos, uma vez que substitui a inflação (indicador materialista) como principal preocupação (1999: 650) mas não está contemplado no estudo. Além disso, diz-nos a teoria económica que existe um *trade-off* entre desemprego e inflação – isto é, se um aumenta, o outro indicador diminui (curva de Philips) (Evans, 2004: 131). Neste sentido, níveis baixos de inflação podem significar um elevado nível de desemprego, algo que pode afectar as prioridades dos cidadãos.

Os mesmo autores criticam ainda aquilo a que chamam de “escolha aleatória”: «encontramos uma crescente tendência para as respostas dos americanos se aproximarem de uma resposta aleatória, mas também verificamos que as segundas escolhas dos inquiridos estão cada vez mais aleatoriamente relacionadas com a primeira» (Davis e Davenport, 1999: 662). Esta ideia é também avançada por Flanagan, que considera que o índice não reflecte a real clivagem existente, o que faz com que um indivíduo acabe por escolher tendo apenas por base as opções que lhe restam e não as opções que efectivamente representam as suas maiores preocupações (Flanagan, 1982).

O índice de Inglehart é também criticado por Svetlana Tasić and Milijanka Ratković, que consideram que a forma como as hipóteses estão ordenadas influencia a escolha dos inquiridos (2011: 113). Já Thomas Trump defende que a teoria original deixa algumas questões por responder, considerando que «a ideia de que orientação para o materialismo ou o pós-materialismo reflecte as posições dos indivíduos numa hierarquia de valores não foi empiricamente verificada ou refutada de um modo definitivo» (1991: 367).

Um dos maiores críticos da teoria de Inglehart é Scott Flanagan, que defende que as democracias das sociedades industriais desenvolvidas não evoluíram apenas com base na simples dicotomia materialismo/pós-materialismo. Ao invés da oposição “materialismo vs pós-materialismo”, Flanagan fala de três dimensões: libertarianismo, correspondente ao pós-materialismo de Inglehart; materialismo, que diz respeito a tudo o que tem a ver com a segurança económica e financeira; e autoritarismo, que tem a ver com questões como a segurança física e ordem. Flanagan aponta assim para duas clivagens fundamentais e transversais: materialistas vs não-materialistas e esquerda vs direita. (Inglehart e Flanagan, 1987). Além disso, Flanagan questiona também o carácter quase definitivo que a teoria de Inglehart propõe, considerando que «este não é um tipo de fenómeno irreversível como sugerido pelos argumentos Maslowianos» uma vez que «devemos esperar que problemas económicos graves, como a inflação galopante ou uma depressão, irão alterar o actual julgamento de muitos dos inquiridos em relação à prioridade que dão a preocupações económicas» (Inglehart e Flanagan, 1987: 1310).

Não obstante as críticas e retrocessos teóricos e empíricos, Inglehart tem reiterado o seu argumento da mudança de valores em trabalhos recentes: «Apesar de substanciais flutuações de curto prazo e das condições económicas negativas dos últimos anos, a prevista mudança em direcção a valores pós-materialistas aconteceu» (Inglehart, 2008: 136). Importa por isso reexaminarmos a teoria de Inglehart à luz do contexto de crise económica e financeira grave que atingiu a Europa nos últimos anos e questionar até que ponto o caminho que Inglehart

determinou ser irreversível em direcção à prevalência dos valores pós-materialistas efectivamente se concretizou. É neste contexto que surge o primeiro objectivo desta investigação, intrinsecamente relacionado com o trabalho já levado a cabo por Ronald Inglehart, entre outros (Inglehart, 1971; 1990; 1997; 2008; Abramson e Inglehart, 1995, 1987; Abramson et al, 1997; Inglehart e Welzel, 2005). Na prática, o que se pretende é verificar se as previsões de Inglehart relativamente ao crescimento do pós-materialismo se verificaram e até que ponto esta dimensão foi afectada pelo momento de crise que afectou a Europa a partir de 2008. O objectivo não é voltar a testar as hipóteses centrais de Inglehart, nomeadamente os efeitos de ciclo de vida e geracionais, mas fazer uma observação da evolução do índice materialistas/pós-materialistas para verificar se, mesmo em contexto de crise, os pós-materialistas continuaram a crescer, ou pelo menos não regrediram. Para isso iremos recorrer aos dados disponibilizados pelo WVS e EVS entre 1999 e 2014 para aplicar a matriz de Inglehart e calcular a diferença entre a percentagem de materialistas e pós-materialistas. A esta evolução será sobreposta a evolução de indicadores socioeconómicos relevantes, como o desemprego, a inflação e a taxa de crescimento do PIB, de modo a tentar encontrar tendências.

1.2 O pós-materialismo e o voto

Vários factores influenciam o voto em determinado partido e, segundo a crítica de Flanagan, as piores condições económicas vão acabar por influenciar as opções dos cidadãos. Assim, é também relevante perceber de que modo o apoio eleitoral dos pós-materialistas foi afectado, já que os eleitores fazem as suas escolhas políticas racionalmente, ou seja, «cada cidadão atribui o seu voto ao partido que acredita que lhe dará mais benefícios que os restantes» (Downs, 1957: 36). Na sua teoria da escolha racional, Downs postula que o voto em determinado partido reflecte o que o eleitor julga ser a melhor resposta às suas necessidades. Num contexto de crise, é expectável que o voto seja um espelho das preocupações dos eleitores e, por isso, possa haver uma mudança no apoio eleitoral. Por exemplo, num cenário de crise grave, os eleitores podem considerar que qualquer mudança será melhor que o presente, levando-os assim a votar contra o Governo (Downs, 1957: 42).

Um dos contributos mais importantes e fundadores para o estudo do voto veio de Seymour Lipset e Stein Rokkan (1967) que propuseram quatro clivagens principais em torno das quais o voto seria determinado. Estes autores opuseram o centro à periferia (numa dicotomia que pode também ser olhada na perspectiva rural vs urbano); o Estado à Igreja

(realçando o papel que o secularismo pode ter); a terra à indústria (na sequência da Revolução Industrial e da competição entre agricultura e indústria); e o proprietário ao empregado (uma das mais tradicionais clivagens de classe e que esteve na origem de diversos partidos operários após a Revolução Russa) (1967: 47).

Uma das principais variáveis que tem tradicionalmente influenciado o voto é, com efeito, a religiosidade, chegando mesmo em alguns países a sobrepor-se à clivagem de classe social (por exemplo na Holanda). A sua importância surge geralmente associada ao voto nos partidos mais conservadores e de direita, nomeadamente os partidos democratas-cristãos (Lipset e Rokkan, 1967; Kitschelt, 1994: 29; van der Eijk e Franklin, 1996; Dalton, 2002: 194; Evans, 2004; Belchior, 2010; Dalton e Anderson, 2011). Contudo, e como Dalton realça, «apesar das provas de uma forte ligação entre os valores religiosos e as preferências partidárias, a clivagem religiosa tem seguido um padrão de declínio semelhante à clivagem de classe» (2002: 194).

Também a economia tem uma importância relevante na determinação do voto dos eleitores. O voto económico tem sido longamente discutido e estudado e reside na premissa básica de que o eleitorado irá «compensar eleitoralmente [o governo] em tempos de bonança e puni-lo nos tempos de crise» (Martisson, 2013: 470). Michael Lewis-Beck, um dos autores que mais estudou este tema, adianta que o voto económico é também um voto de protesto (Lewis-Beck e Lockertie, 1989: 168) e, assim, uma importante variável a ter em conta, principalmente quando há um governo que procura a reeleição, já que aumenta o carácter punitivo do voto.

Lewis-Beck e Lockertie (1989) testaram também até que ponto o pós-materialismo poderia influenciar a acção do indivíduo por oposição à economia e concluíram que a mudança para valores pós-materialistas não tem um impacto significativo na participação eleitoral, ainda que aumente a participação dos indivíduos em manifestações de descontentamento. Ou seja, a defesa de valores pós-materialistas potencia a participação em protestos, tal como as questões da economia, mas é menos influenciadora do sentido de voto. Também van der Eijk e Franklin procuraram determinar que factores influenciam o voto dos europeus e concluíram que o pós-materialismo é uma variável pouco explicativa do voto, num trabalho de investigação sobre as eleições Europeias de 1989 (1996).

Contrariamente, Russel Dalton defende que «o pós-materialismo está relacionado com o partidarismo ao mesmo nível que as questões económicas», referindo que «os valores pós-materialistas têm sido gradualmente fortalecidos como indicadores das preferências partidárias nas democracias ocidentais» (Dalton, 2002: 202). Duch e Strom recordam a análise de Herbert

Kitschelt sobre esta questão e sobre o que influencia a preferência dos eleitores por determinado partido concluindo que o voto à esquerda estará «positivamente associado com o pós-materialismo, a juventude, a educação, o secularismo e a vontade de pertencer a movimentos sociais» (2004: 238).

A juventude é, aliás, um outro factor importante a considerar quando se procura explicar o voto dos eleitores. Campbell et al explica que «os mais jovens (...) têm mais probabilidade de votar em Independentes» ao passo que «os mais idosos têm mais probabilidade de mostrar ligação a um partido», muitas vezes devido a episódios marcantes no momento da sua formação política (1960: 161). Tal como adiantava Kitschelt, os jovens constituem também uma importante base de apoio dos movimentos pós-materialistas. O voto pós-materialista é, de resto, um voto tendencialmente centrado nos partidos da nova esquerda, principalmente com tendência libertária e/ou preocupações ecológicas (Müller-Rommel, 2002; Tranter e Western, 2009; Belchior, 2010; Kitschelt, 1990; 1994).

Apesar do razoável consenso sobre a distribuição dos cidadãos pós-materialistas no espectro político, não é unânime a sua força enquanto factor explicativo do voto. Vinte anos depois do estudo de van der Eijk e Franklin (1996), o contexto europeu mudou e é fundamental compreender de que modo os pós-materialistas foram afectados pela crise, ou seja, como votam efectivamente os pós-materialistas antes e depois do início crise. O segundo objectivo desta investigação está, por isso, relacionado com o apoio eleitoral dos indivíduos caracterizados como pós-materialistas antes da crise e com a sua evolução no período em que esta mais se fez sentir na Europa. Não se pretende fazer uma descrição exaustiva do perfil eleitoral de materialistas e pós-materialistas nem tão pouco proceder a uma caracterização do voto em contexto de crise mas antes verificar até que ponto o facto de ser pós-materialista é um factor explicativo do voto nos partidos dos países em análise, antes e depois do surgimento de uma grave crise económica.

1.3 Hipóteses de trabalho

Para responder aos objectivos desta investigação, foram colocadas duas hipóteses de trabalho que serão testadas e que se procurarão verificar. Uma primeira hipótese está relacionada com a evolução do índice materialismo/pós-materialismo:

H1 – É expectável que a tendência para o crescimento do pós-materialismo tenha regredido nos países em que a crise económico-financeira foi mais severa.

Esta hipótese surge não só em linha com o primeiro objectivo desta investigação, que visa descrever a evolução da diferença entre materialistas e pós-materialistas por contraposição aos indicadores económicos, mas também seguindo a teoria de Ronald Inglehart e dos seus seguidores e críticos. Ainda que Inglehart tenha previsto um contínuo crescimento dos valores pós-materialistas, vários autores adiantam que este crescimento poderá abrandar perante o contexto económico e social à data do inquérito (Duch e Taylor, 1993: 749). Inglehart admite que os efeitos de período podem afectar esta evolução, mas apenas temporariamente, excluindo contudo da sua análise indicadores potencialmente importantes, como o desemprego, o que é salientado por Clarke (Clarke e Dutt, 1991; Clarke, 2000). Importa, por isso, além de verificar a evolução da inflação e o crescimento do PIB, olhar também para o desemprego. Além disso, é também fundamental analisar comparativamente os quatro países em estudo, de modo a perceber eventuais diferenças de resultados em contextos distintos, principalmente se considerarmos que na nossa amostra teremos países em que a crise se fez sentir mais que noutros.

A segunda hipótese de trabalho prende-se com o apoio eleitoral dos indivíduos pós-materialistas antes e depois da crise:

H2 – O apoio eleitoral dos cidadãos europeus pós-materialistas concentra-se tendencialmente nos partidos de esquerda libertária mas diminuiu após a crise económica de 2008, em especial nos países mais afectados.

Neste caso, o objectivo é confirmar, em primeiro lugar, a literatura que aponta para a tendência do apoio eleitoral pós-materialista se concentrar nos partidos de esquerda libertária, nomeadamente os partidos ecologistas (Müller-Rommel, 2002; Tranter e Western, 2009; Belchior, 2010; Kitschelt, 1990; 1994; Dalton, 2002; Duch e Strom, 2004). Apesar disso, tendo em conta o contexto de crise, é expectável que mesmo nestes partidos o apoio pós-materialista regreda, principalmente nos países mais afectados pela crise. Como aponta Flanagan (Inglehart e Flanagan, 1987), num contexto de crise, as preocupações pós-materialistas passam para segundo plano, o que poderá tornar os eleitores menos pós-materialistas e, conseqüentemente, diminuir a percentagem de pós-materialistas que apoiam os vários partidos. Neste sentido, torna-se relevante perceber em que medida o apoio eleitoral dos cidadãos se alterou em contexto de crise económica.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Para este trabalho de investigação foram seleccionados quatro países que procuram ser representativos do espaço europeu. Assim, incluem-se um país do Norte da Europa (Suécia), um país Mediterrânico (Espanha) e dois países da Europa Central (Holanda e Alemanha). Importa esclarecer que estes países foram seleccionados tendo em conta os dados disponíveis nas várias vagas do WVS e EVS, sendo que para estes quatro países é possível trabalhar dados recolhidos nas quatro vagas em análise (EVS 1999-2001 e 2008-2010 e WVS 2005-2009 e 2010-2014). De entre os vários países europeus cobertos por estes questionários, Polónia, Roménia e Eslovénia têm também dados completos que nos permitiriam alargar o âmbito da investigação. No entanto, em virtude da história recente e da juventude destas democracias, optou-se por deixar estas três repúblicas da Europa de Leste fora do estudo. Além disso, os quatro países seleccionados apresentam exemplos de diferentes situações económicas no período em análise (gráficos 3.2, 3.3, 3.4 e 3.5).

De facto, os países em estudo foram atingidos pela crise económica de 2008 de diferentes formas, já que a crise do final de 2008 foi generalizada e chegou a praticamente toda a Europa, mas a velocidades e com impactos diferentes. A Alemanha, por exemplo, viu o seu PIB cair em 2009, mas em 2010 já estava novamente a crescer. O desemprego alemão tem caído sistematicamente desde 2007 e a taxa de inflação apresenta uma evolução muito semelhante tendo chegado, em 2014, ao limite da deflação. A crise económica acabou, por isso, por ter um impacto reduzido numa Alemanha sempre liderada pela CDU, o partido de centro-direita de Angela Merkel. Tendo vencido as eleições de 2005 contra o SPD de Gerhard Schröder, o governo foi formado precisamente em coligação com este partido de centro-esquerda. Em 2009, Angela Merkel renovou a liderança do governo mas desta vez em coligação com os Liberais de centro-direita do FDP. Quatro anos mais tarde, o FDP perdeu o assento parlamentar e o terceiro governo de Merkel foi sustentado novamente pelo SPD.

Já a Holanda foi um dos países em que o PIB menos recuou no pico da crise, em 2009. Contudo, após dois anos com a economia a crescer, os Países Baixos voltaram a enfrentar uma recessão de dois anos (2012-13) e um tímido crescimento em 2014. O desemprego, tradicionalmente baixo, tem crescido consistentemente desde 2007. A taxa de inflação, por seu lado, tem variado ao longo dos últimos dez anos e atingiu, em 2014, valores negativos. Politicamente, olhando para o intervalo temporal em análise, encontramos Jan Peter Balkenende como primeiro-ministro em diversas coligações. O líder dos Democratas-Cristãos holandeses assumiu a chefia do governo em 2002 e em 2003 foi obrigado a convocar novas

eleições depois de desentendimentos no seio da coligação. Em 2006 forma a sua terceira coligação (segunda dessa legislatura) com os liberais de centro-direita do VVD. Em 2007, após novas eleições, o governo de Balkenende passa a ser apoiado pelos trabalhistas do PvdA e pelos centristas da União Cristã. Em 2010, o primeiro-ministro é derrotado nas eleições e o governo é assumido pelo VVD de Mark Rutte, ainda que em coligação com o CDA. Em 2012, desfaz-se a coligação e são novamente convocadas eleições antecipadas que culminam no regresso dos trabalhistas ao governo holandês em coligação com o VVD de Rutte.

Espanha foi um dos países mais atingidos pela crise de 2008, com a economia em queda durante cinco anos consecutivos. O desemprego, por seu lado, cresceu vertiginosamente até atingir mais de 26% da população em 2013. A taxa de inflação, tendencialmente alta, caiu para valores negativos em 2014. Entre 2004 e 2011 os socialistas do PSOE comandados por Jose Luis Rodriguez Zapatero dominaram o parlamento e o governo, sem qualquer necessidade de coligação. Em 2011, o PSOE sem Zapatero perde as eleições para o PP de Mariano Rajoy, que assume o governo também sem coligação.

Apesar de não pertencer à Zona Euro, a Suécia não ficou incólume à crise económica, tendo a economia regredido logo em 2008. A taxa de desemprego atingiu um pico em 2010 mas tem descido progressivamente, tal como a inflação, que apresenta valores próximos de zero. A Suécia foi liderada entre 2006 e 2014 por Frederik Reinfeldt, do Partido Moderado (centro-direita). Em dois mandatos cumpridos até final, o governo foi sustentado por uma coligação de centro-direita com o Partido do Centro, o Partido Liberal e os Democratas-Cristãos. Em 2014, o primeiro-ministro perde as eleições e o governo passa para as mãos do social-democrata Stefan Löfven em coligação com os Verdes.

Todos estes países têm sistemas eleitorais semelhantes, sendo que os eleitores votam de quatro em quatro anos para eleger o parlamento legislativo. O partido com maioria (ou, na sua ausência, a coligação de partidos) formará governo. Espanha é o único exemplo em que os governos não foram suportados por coligações. Nos restantes três países, também devido à fragmentação do sistema político, os sucessivos governos necessitaram do apoio de diversas coligações.

Para o desenvolvimento metodológico desta investigação, recorreu-se primeiramente às baterias criadas por Inglehart para medir o materialismo e o pós-materialismo numa determinada sociedade. A primeira bateria de Inglehart consiste num conjunto de quatro indicadores para responder a duas perguntas: “Qual dos seguintes considera mais importante? E qual o segundo mais importante?”. Os quatro indicadores de resposta são: 1 – Manter a

ordem na nação; 2 – Dar às pessoas mais voz nas decisões importantes do governo; 3 – Combater a subida dos preços; 4 – Proteger a liberdade de expressão.

Com base nas respostas a estas duas perguntas, é possível classificar o inquirido como sendo “Materialista”, “Pós-materialista” ou “Misto”. Se as opções 1 e 3 forem escolhidas, o resultado é materialista; se as opções 2 e 4 forem escolhidas, estamos perante um inquirido pós-materialista. Todas as restantes combinações (1+2, 1+4, 2+3, 3+4) dizem respeito a um inquirido misto. Para determinar a evolução deste indicador, à percentagem de pós-materialistas é subtraída a percentagem de materialistas, constituindo o PDI (*percentage difference index*). É da evolução do PDI que facilmente compreendemos a evolução do balanço entre materialistas e pós-materialistas. Quanto mais elevado for este índice, maior será a proporção de pós-materialistas em função dos materialistas (Abramson e Inglehart, 1995; Abramson et al, 1997).

Além deste índice de quatro hipóteses, e com o objectivo de tornar o estudo mais rigoroso, mas também para responder a algumas críticas, Inglehart desenvolveu uma bateria de doze indicadores: as quatro originais e dois novos conjuntos de quatro. No primeiro conjunto (1 – Manter uma elevada taxa de crescimento económico; 2 – Assegurar que este país tem forças de defesa fortes; 3 – Verificar que as pessoas têm mais a dizer na forma como as decisões são tomadas no local de trabalho e nas suas comunidades; 4 – Tentar fazer das cidades e do campo locais mais bonitos). As opções 1 e 2 dizem respeito a preocupações materialistas enquanto as opções 3 e 4 se referem a escolhas pós-materialistas.

No último conjunto (1 – Manter uma economia estável; 2 – Progredir em direcção a uma sociedade menos impessoal e mais humana; 3 – Combater o crime; 4 – Progredir em direcção a uma sociedade onde as ideias são mais importantes que o dinheiro), os indicadores 1 e 3 correspondem a opções materialistas enquanto os indicadores 2 e 4 dizem respeito a escolhas pós-materialistas.

A presente análise apoia-se nos dados referentes às diversas vagas do World Values Survey e do European Values Study, aplicando a primeira bateria de indicadores de Inglehart, uma vez que é a única que tem dados transversais para os anos e países em análises. Em particular, vamos perceber a distribuição de materialistas e pós-materialistas antes do início da crise de 2008, através da análise dos dados recolhidos pela terceira vaga do EVS (1999-2001). Seguidamente, esses resultados serão comparados com os dados referentes ao período em que a crise mais se fez sentir, recorrendo à quinta vaga do WVS (2005-2009) e à

quarta vaga do EVS (2008-2010)¹. Finalmente, serão utilizados os dados da última vaga do WVS, correspondentes ao período em que a crise começou a abrandar e a economia a dar sinais de recuperação em alguns dos países em análise (2010-2014), para perceber a evolução dos indicadores em estudo.

Depois de aplicada a bateria de Inglehart, é possível traçar a evolução do indicador materialista/pós-materialista. Assim, iremos analisar a evolução deste indicador nos quatro países em estudo através da evolução do PDI. Os dados recolhidos serão também comparados com a evolução de indicadores socioeconómicos importantes.

Para desenvolver esta análise, iremos recorrer a dados macroeconómicos disponibilizados pelo Eurostat referentes à taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), à taxa de inflação e à taxa de desemprego. Estes indicadores macroeconómicos serão analisados tendo em conta dados da última década e permitem-nos perceber em que medida os países em análise resistiram à crise financeira e económica. A opção por estes indicadores tem várias explicações. Optou-se por recorrer à taxa de crescimento do PIB por ser o indicador que, mais sucintamente, aponta para momentos de crise e depressão económica. Não sendo, de longe, o único indicador possível, é aquele que pode ser interpretado de forma mais isolada. A taxa de inflação surge na nossa análise não só como um factor importante a considerar quando procuramos identificar períodos de crise, mas também por ser um dos factores que Inglehart destacou como passíveis de influenciar negativamente, por um curto período de tempo, o crescimento do pós-materialismo. Finalmente, a taxa de desemprego será utilizada uma vez que está também fortemente relacionada com momentos de crise económica. Além disso, este é um indicador que Inglehart considera que não influencia o crescimento do pós-materialismo, o que torna interessante a sua comparação.

Numa segunda fase da análise, o objectivo centra-se em compreender para onde vai o apoio eleitoral de materialistas e pós-materialistas, pelo que importa esclarecer alguns passos metodológicos. A análise em causa foi realizada recorrendo aos dados disponibilizados pela

¹ Apesar da sobreposição dos intervalos temporais da quinta vaga do WVS e da quarta vaga do EVS, os inquéritos aplicados aos países em análise não se sobrepõem. No que respeita ao WVS, os inquéritos foram realizados com o seguinte calendário: Alemanha – Maio/Junho de 2005, Holanda – Janeiro/Março de 2005, Espanha – Julho de 2007 e Suécia – Novembro de 2005/Fevereiro de 2006. Já relativamente ao EVS, os dados foram recolhidos nos seguintes períodos: Alemanha – Setembro de 2008/Fevereiro de 2009, Holanda – Maio/Octubre de 2008, Espanha – Maio/Julho de 2008 e Suécia – Setembro de 2009/Janeiro de 2010.

quinta e sexta vagas do WVS e pela quarta vaga EVS. Em primeiro lugar, procurou-se aferir a percentagem de materialistas e de pós-materialistas (e, por consequência, de indivíduos mistos) que compõem o eleitorado de cada partido. O exercício é repetido em dois outros momentos subsequentes (variáveis de país para país), de modo a traçar a evolução. Assim, os dados apresentados irão demonstrar para cada ano e para cada partido, qual a percentagem de materialistas e qual a percentagem de pós-materialistas que constituem a sua base eleitoral de apoio.

Num segundo momento, tentaremos compreender em que medida ser ou não materialista ou pós-materialista explica o voto em determinado partido. Para isso, novamente recorrendo às mesmas bases de dados, foram criadas várias variáveis dummy que permitiram calcular uma série de regressões logísticas binárias. Como variável dependente foi seleccionada cada uma das dummies criadas para o voto em cada partido. Estas dummies foram criadas recodificando a pergunta “Em que partido irá votar?” em que 1 significa votar no partido e 0 significa votar em qualquer um dos restantes partidos. Como variáveis independentes foram incluídas as dummies para ser materialista ou ser pós-materialista. Neste caso, foi recodificado o índice da bateria de quatro perguntas de Inglehart, criando uma dummy para os materialistas, em que 1 significa ser materialista e 0 significa não ser materialista (e portanto, ser pós-materialista ou misto), e, de forma similar, outra dummy para os pós-materialistas.

Com o objectivo de controlar a importância do pós-materialismo na explicação do voto, foram incluídas ainda nos modelos as variáveis idade, religiosidade e rendimento. A opção por estas três variáveis prende-se com o facto de, na vasta literatura que suporta este tipo de análise, serem consideradas como consensuais factores que tradicionalmente influenciam o voto (Campbell et al, 1960; Lipset e Rokkan, 1967; Lewis-Beck e Lockertie, 1989; Kitschelt, 1994; van der Eijk e Franklin, 1996; Dalton, 2002; Evans, 2004; Duch e Strom, 2004; Belchior, 2010; Dalton e Anderson, 2011; Martisson, 2013). Importa, no entanto, deixar dois esclarecimentos. No caso da variável relacionada com a religiosidade, a pergunta “Quão importante é para a sua vida a religião?” tem a seguinte escala de respostas: 1 – Muito importante; 2 – Um pouco importante; 3 – Não importante; 4 – Não importante de todo. Tendo em conta esta escala, a relação entre ser muito religioso e votar em determinado partido é representada por valores negativos. Dito de outro modo, quanto mais negativo o valor, maior a importância da religiosidade na escolha desse partido.

Um segundo esclarecimento é devido à variável relacionada com o rendimento. Para este estudo foram utilizadas duas bases de dados: uma com os resultados de todas as vagas

do WVS e outra com todos os resultados do EVS. Ambas as bases de dados são extremamente compatíveis mas, em determinadas questões, a convergência não é perfeita. Assim, para a variável rendimento, a escala de classificação não é exactamente igual. No caso do WVS o rendimento é classificado entre 1 – Baixo e 11 – Alto. Já no caso do EVS a escala varia entre 1 – Baixo e 3 – Alto. Apesar da escala não ter a mesma amplitude, o resultado final é semelhante, mas ainda assim é necessária a devida cautela na interpretação desta variável.

Para este estudo, serão analisados os dados referentes a Alemanha, Holanda, Suécia e Espanha, tendo sido incluídos em cada caso os partidos políticos com assento parlamentar. Em alguns casos, foram excluídos partidos que apenas constam de uma das vagas em análise, uma vez que não permitem traçar uma evolução quanto ao sentido de voto dos seus eleitores (por exemplo, os Democratas Suecos, o UPyD, o 50 Plus ou o Partido Pirata alemão, que apenas surgem na última vaga do WVS). No caso espanhol, foram também excluídos os países regionalistas que, além da reduzida expressão parlamentar, têm um número de casos em cada vaga do WVS/EVS demasiado reduzido, não permitindo retirar conclusões significativas (por exemplo, não poucas vezes encontramos partidos regionalistas com amostras inferiores a cinco respostas).

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS

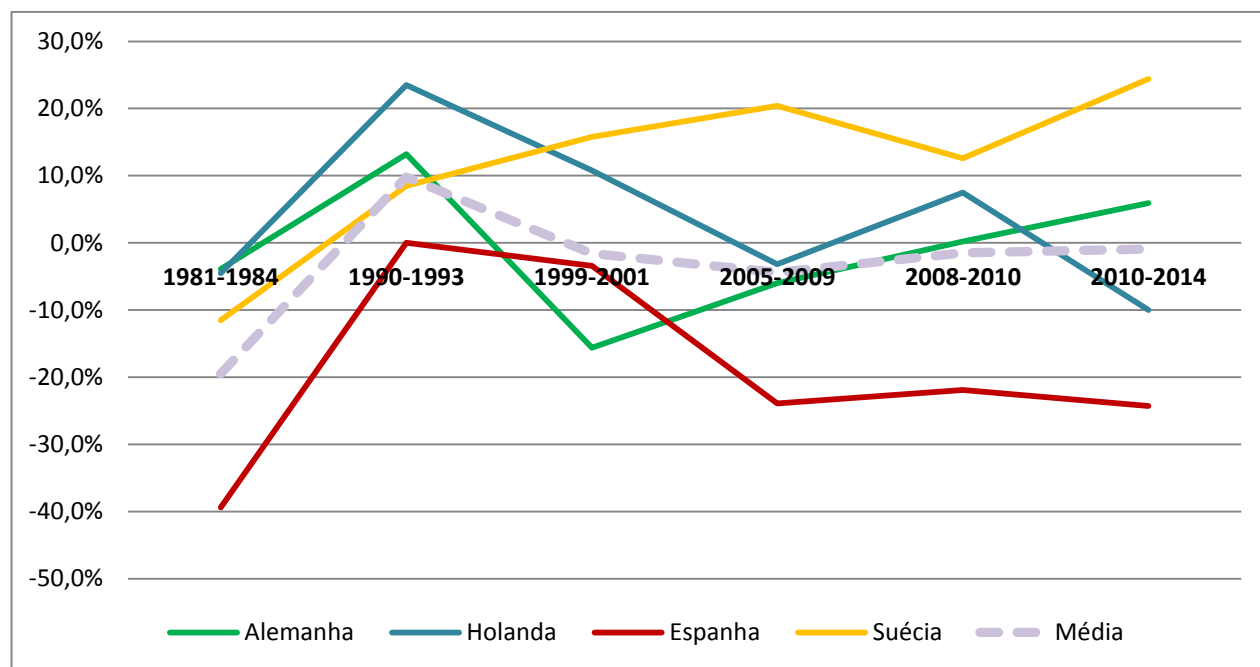
3.1 O pós-materialismo e a crise

A análise seguinte centrar-se-á nos quatro países contemplados por este estudo (Alemanha, Holanda, Suécia e Espanha) e tem como principal objectivo averiguar em que medida a universalidade e a irreversibilidade da progressão pós-materialista se verifica. Temporalmente, olharemos em detalhe para o período 1999-2011 que abrange os quatro inquéritos que sustentam a primeira parte deste estudo².

Em primeiro lugar, e de forma global, importa atentar na evolução global do PDI nos países estudados desde o início da década de 80 (gráfico 3.1 e tabela 3.1).

² EVS 1999-2001, WVS 2005-2009, EVS 2008-2010 e WVS 2010-2014

Gráfico 3.1 - Evolução do PDI na Alemanha, Holanda, Espanha e Suécia.



Fonte: European Values Study I, II, III e IV e World Values Survey V e VI.

Tabela 3.1 - Diferença entre pós-materialistas e materialistas em quatro países europeus entre 1981 e 2014.

	EVS 1981-84	EVS 1990-93	EVS 1999-01	WVS 2005-09	EVS 2008-10	WVS 2010-14
Alemanha	-3,9%	13,2%	-15,6%	-6,0%	0,2%	5,9%
Holanda	-4,5%	23,5%	10,8%	-3,2%	7,5%	-10,0%
Espanha	-39,4%	0,0%	-3,4%	-23,9%	-21,9%	-24,3%
Suécia	-11,5%	8,5%	15,8%	20,4%	12,6%	24,4%
Média	-19,5%	9,8%	-1,6%	-4,4%	-1,5%	-0,9%

Fonte: European Values Study I, II, III, IV e World Values Survey V e VI.

A partir de 1990, assistiu-se a comportamentos diversos deste indicador. No caso espanhol, 1990 foi mesmo o momento em que a percentagem de pós-materialistas e materialistas mais se aproximou. Desde então, a tendência tem sido francamente decrescente, com o número de materialistas a superar largamente o de pós-materialistas. Pelo contrário, na Suécia a tendência tem sido bastante positiva para os pós-materialistas. Desde 1981 que o PDI tem crescido (com apenas um pequeno revés em 2008-2010), para logo voltar aos níveis anteriores.

Na Alemanha e na Holanda o perfil de evolução deste indicador é semelhante. Em ambos os casos se assiste a um pico no início dos anos 1990 que cai para níveis negativos (e,

portanto, com mais materialistas que pós-materialistas) com o avançar da década. O PDI voltou a crescer na Alemanha a partir de 1999 e na Holanda seis anos mais tarde. Na entrada para a segunda década do século XXI o comportamento deste indicador nestes dois países foi distinto, como poderemos analisar adiante.

Em termos gerais, e olhando para a média destes quatro países, assistimos a um grande crescimento da percentagem de pós-materialistas no início dos anos 1990. Contudo, desde então o PDI decresceu substancialmente e para valores negativos por altura da crise económica de 2008. Os últimos dados recolhidos apontam para uma tendência para estabilizar perto dos 0%, ou seja, num equilíbrio entre materialistas e pós-materialistas. Importa destacar que para esta média foram apenas considerados os quatro países em análise, uma vez que são os únicos para os quais existem dados consistentes de diversas vagas do World Values Survey e do European Values Study ao longo do período em análise.

Esta é no entanto apenas uma análise preliminar e geral aos dados em estudo. Para percebermos melhor a evolução do índice pós-materialista/materialista, é útil fazer uma análise mais detalhada de cada um dos quatro países. Na verdade, importa sobrepor à evolução do índice a evolução de alguns indicadores económicos que nos permitam explicar o seu comportamento.

3.1.1 - Alemanha

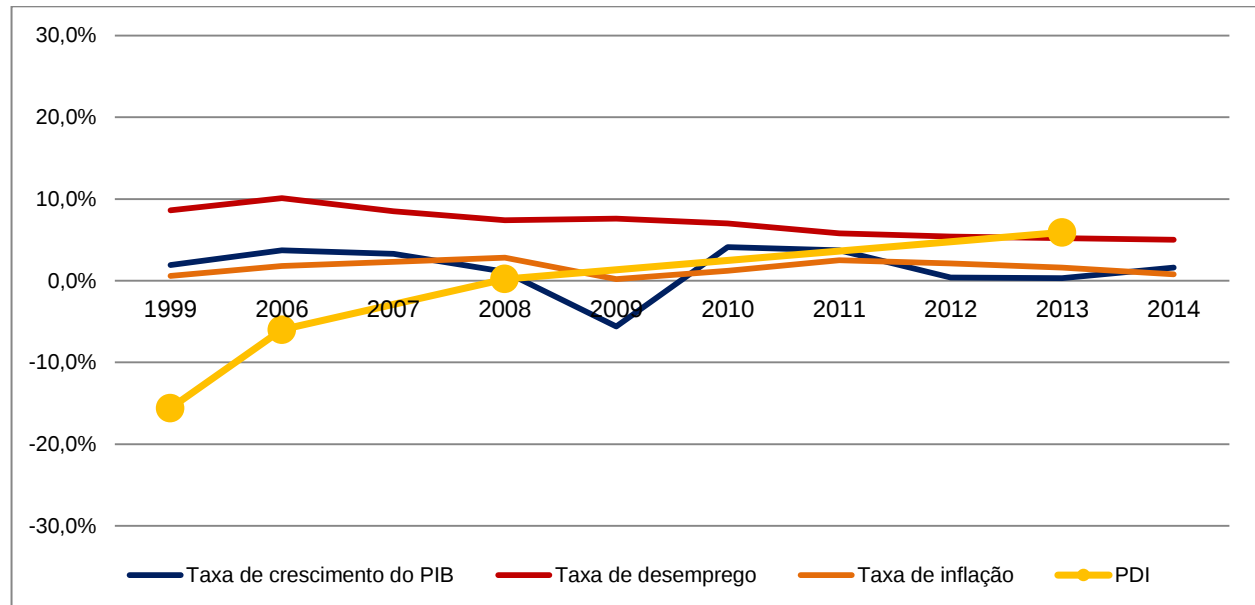
A evolução do índice pós-materialista/materialista na Alemanha tem sido de algum modo bastante linear (gráfico 3.2). Desde 1999 que o número de pós-materialistas tem crescido de forma consistente, tendo em 2008 ultrapassado o número de materialistas. Em 2013, o PDI era já positivo (5%) e continuou a crescer. Olhando para a evolução deste índice, há algumas observações a notar.

Em primeiro lugar esta evolução não segue alinhada com a taxa de inflação. Isto é, ainda que se mantenha em valores tendencialmente baixos, a inflação variou entre 2006 e 2014. No entanto o PDI cresceu sempre de forma consistente. De igual modo, apesar das variações no que diz respeito ao crescimento do PIB, os alemães não se mostraram mais materialistas. Mesmo em 2009, quando a taxa de crescimento do PIB atingiu valores negativos (-5,6%), ou entre 2010 e 2013, em que caiu continuamente, o PDI continuou a crescer, em linha com a previsão de Inglehart.

Inversamente, é curioso notar que a evolução do PDI na Alemanha acompanha a evolução do desemprego. Desde 2006 que a taxa de desemprego tem vindo consistentemente

a descer (de 10,1% para 5%). De igual modo, o PDI tem crescido consistentemente desde 2006 (de -6% para 5,9%).

Gráfico 3.2 - Evolução do PDI e de alguns indicadores macroeconómicos na Alemanha entre 1999 e 2014.



Fonte: European Values Study IV, World Values Survey V e VI e Eurostat.

3.1.2 - Holanda

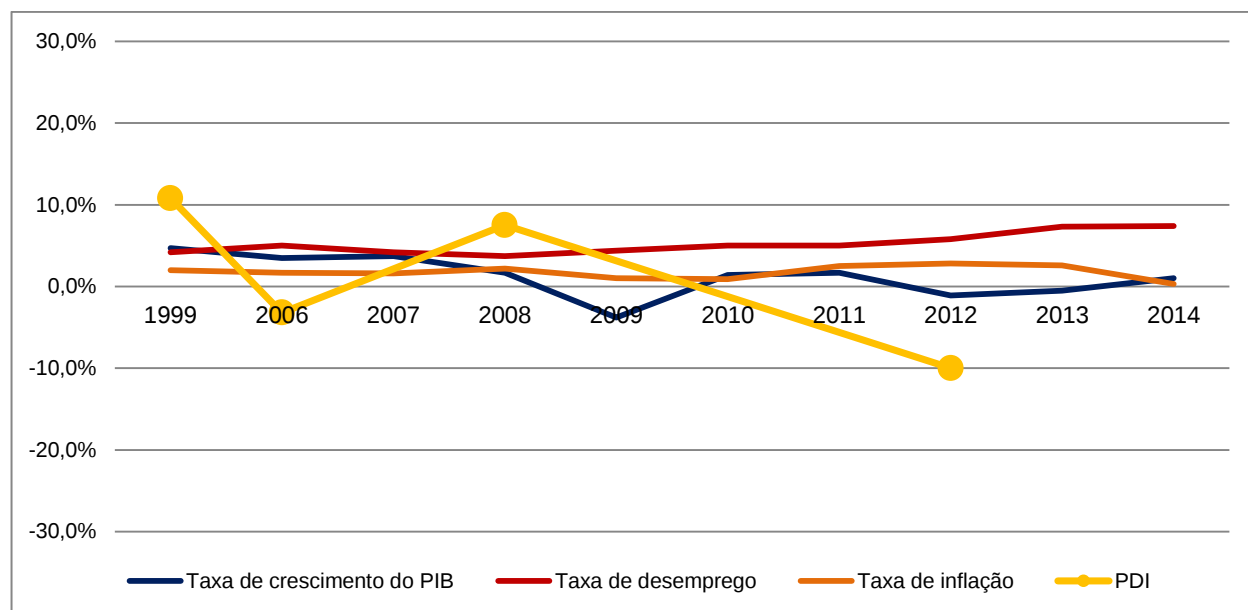
Na Holanda (gráfico 3.3), a evolução do índice pós-materialista/materialista não é linear. O PDI atingiu o seu pico no início dos anos 1990 (23,5%) e desde então decresceu significativamente até aos -3,2% em 2006. Contudo, os dados provenientes da seguinte vaga de inquéritos mostram um novo crescimento do PDI para 7,5% em 2008. Já em 2012, o índice volta a cair significativamente para -10%.

Esta evolução do PDI pode, em muitos momentos, ser comparada com a evolução dos indicadores económicos em estudo. Relativamente ao crescimento do PIB, é coincidente a queda para valores negativos (-3,8%) em 2009 com a progressiva redução do PDI. Ainda que de 2009 para 2010 a taxa de crescimento do PIB tenha recuperado, a verdade é que entre 2010 e 2013 voltou a cair. A ausência de dados para o PDI em 2009-2011 impossibilita-nos de fazer uma análise mais detalhada deste período, mas os dados disponíveis permitem-nos pelo menos comparar dois momentos: entre 2008 e 2012 o PDI diminuiu de 7,5% para -10% enquanto a taxa de crescimento do PIB variou de 1,7% para -1,1%. Já a inflação,

tendencialmente baixa, começou em 2009 a subir (1%) até 2013 (2,6%). Mais uma vez, é impossível fazer uma correspondência ano a ano mas novamente assistimos a uma queda do PDI correspondente a um aumento da inflação. Perante ambos os indicadores (PIB e inflação) assistimos ao comportamento esperado e aceite por Inglehart já que na presença destes efeitos de período, sobretudo a inflação, é aceitável que haja uma diminuição temporária do número de pós-materialistas.

Se olharmos para a taxa de desemprego, verificamos que de 2008 a 2014 subiu de 3,7% para 7,4%. Novamente, esta evolução coincide com a queda do PDI de 2008 para 2012. O que torna estes valores interessantes é o facto de uma das maiores críticas à proposta de Inglehart residir precisamente no facto do autor não considerar o desemprego um indicador significativo para a análise da evolução do pós-materialismo (Clarke e Dutt, 1991; Clarke, 2000). Tal como na Alemanha, este parece ser o indicador com a evolução mais alinhada com o PDI.

Gráfico 3.3 - Evolução do PDI e de alguns indicadores macroeconómicos na Holanda entre 1999 e 2014.



Fonte: European Values Study IV, World Values Survey V e VI e Eurostat.

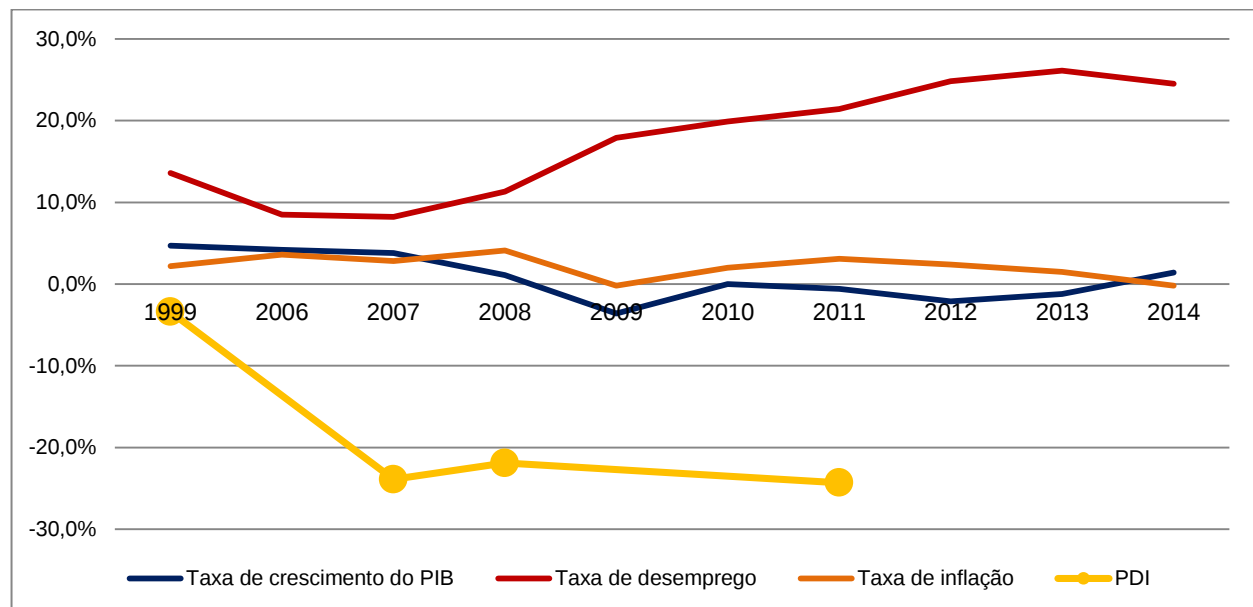
3.1.3 - Espanha

No caso espanhol (gráfico 3.4), a análise é facilitada pelos consistentes valores negativos de pós-materialistas. Com efeito, com excepção de um ténue equilíbrio no início dos anos 1990, o

número de materialistas tem sido sempre bastante superior ao de pós-materialistas. Entre 2006 e 2009 a taxa de crescimento do PIB decresceu ano a ano até ao pico negativo de -3,6% e mesmo tendo recuperado nos anos seguintes manteve sempre valores negativos ou muito próximos disso. A taxa de inflação tem mantido uma evolução em linha com o crescimento do PIB, sendo mesmo negativa em 2009, ano em que o crescimento do PIB foi o menor do período em análise. No entanto, nem mesmo a redução deste efeito de período contribuiu para um aumento do PDI já que o número de pós-materialistas tem sido sempre muito inferior ao de materialistas em Espanha.

Novamente, a taxa de desemprego apresenta um comportamento interessante. Espanha tem tido taxas de desemprego tendencialmente altas, com particular aumento desde 2007 até um pico de 26,1% em 2013. Não deixa por isso de ser curioso que o PDI tenha decrescido quase sempre em linha com o aumento da taxa de desemprego. Aliás, no seguimento da queda do desemprego entre 2006 e 2007, o PDI cresceu ligeiramente entre 2007 e 2008. Já após o aumento do desemprego a partir de 2007, o PDI começou a cair a partir de 2008.

Gráfico 3.4 - Evolução do PDI e de alguns indicadores macroeconómicos na Espanha entre 1999 e 2014.



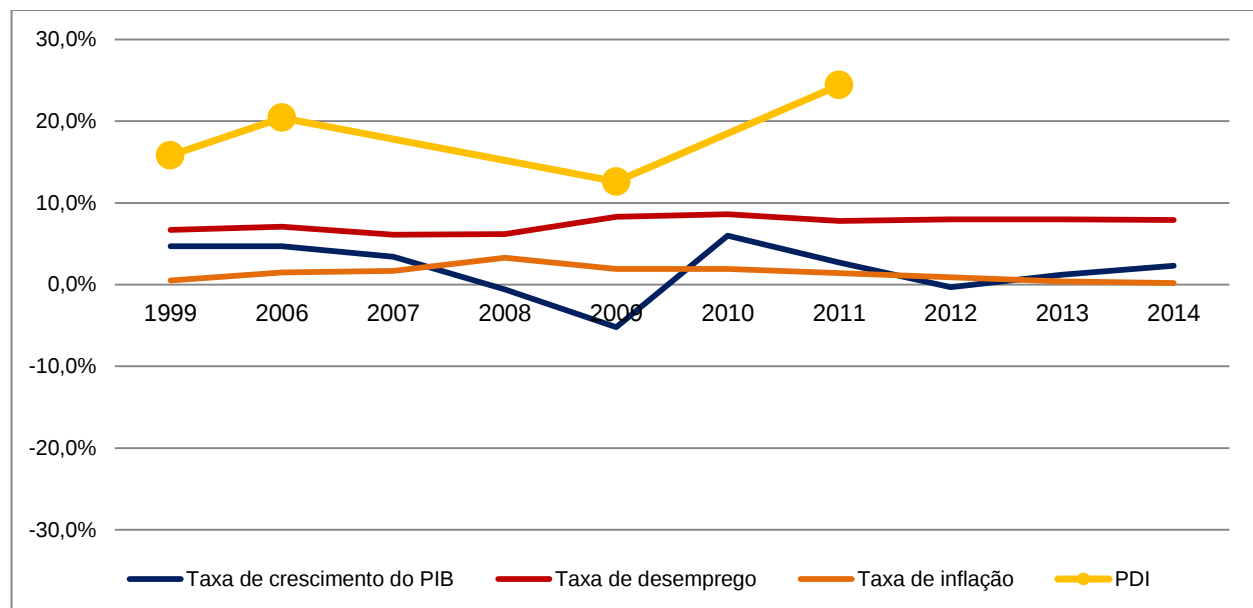
Fonte: European Values Study IV, World Values Survey V e VI e Eurostat

3.1.4 - Suécia

Ao contrário dos exemplos anteriores, a Suécia (gráfico 3.5) é um país em que o número de pós-materialistas tem sido sistematicamente superior ao de materialistas. Aliás, excluindo a primeira vaga do EVS (1981-1984), em que o PDI era negativo (-11,5%), este índice tem sido sempre positivo. Desde essa primeira vaga, o PDI cresceu consistentemente até 2006 (20,4%). Os dados seguintes, referentes a 2009, apresentam uma queda do PDI, ainda que se mantenham largamente em terreno positivo (12,6%) para logo voltar a subir em 2011 (24,4%).

No caso sueco, os principais indicadores económicos parecem ter a influência que Inglehart previra para os efeitos de período. De facto, entre 2006 e 2009 a taxa de crescimento do PIB diminuiu de 4,7% para -5,2%, o que foi correspondido por uma queda do PDI. Já entre 2009 e 2010, a taxa de crescimento do PIB saltou de -5,2% para 6%, seguida de um aumento do PDI de 2009 para 2011 (12,6% para 24,4%). No que respeita à inflação, o comportamento é semelhante. Ainda que com valores de um modo geral reduzidos, a taxa de inflação subiu entre 2006 e 2008, altura em que o PDI estava em queda. A partir de 2008, a inflação diminuiu sempre até 2014, enquanto o PDI começou a crescer novamente a partir de 2010.

Gráfico 3.5 - Evolução do PDI e de alguns indicadores macroeconómicos na Suécia entre 1999 e 2014.



Fonte: European Values Study IV, World Values Survey V e VI e Eurostat

O desemprego parece estar também alinhado com o PDI se considerarmos que atingiu em 2009 e 2010 os valores mais elevados dos últimos anos (8,3% e 8,6%, respectivamente). Simultaneamente, foi também em 2009 que o PDI atingiu o valor mais baixo dos anos em análise.

As análises individuais realizadas a cada um dos quatro países em estudo permitem-nos tirar algumas conclusões prévias. Com excepção da Alemanha, que manteve a tendência de crescimento, verificamos que o PDI de pós-materialistas/materialistas diminuiu após o surgimento da crise económica de 2008. No caso sueco, a recuperação foi imediata, mas na Holanda e em Espanha os últimos dados apontam ainda para resultados negativos. Ainda assim, o comportamento do PDI face aos indicadores económicos não é homogéneo. Na Alemanha, os dados mostram que de facto a sociedade parece caminhar no sentido do pós-materialismo e nem a crise abrandou esse crescimento. Já na Holanda e na Suécia, o PDI regrediu nos momentos em que as condições económicas pioraram, o que pode corresponder aos efeitos de período decorrentes da crise económica, ainda que seja necessária uma análise mais aprofundada que permita sustentar essa hipótese. No caso sueco o efeito de período parece no entanto ainda mais evidente se considerarmos que o PDI voltou a crescer após a crise. Em Espanha, as conclusões são menos claras, uma vez que neste caso nunca houve um verdadeiro crescimento pós-materialista. Apesar disso, no momento em que a economia piorou, o PDI diminuiu ainda mais. Para podermos tirar conclusões mais claras, são necessários dados mais recentes de modo a perceber o comportamento do PDI após o início da recuperação da crise, principalmente na Holanda e em Espanha, onde os dados mais recentes são anteriores ao início da recuperação da economia. Globalmente, os dados recolhidos permitem confirmar a primeira hipótese de trabalho, se analisados em conjunto. Olhando país a país, o caso alemão parece não comprovar a hipótese (ainda que não existam dados disponíveis para os anos imediatamente após o início da crise), ao contrário do que acontece nos restantes casos, em que a crise foi mais severa.

De um modo geral, verificamos ainda que o indicador cuja evolução está mais alinhada com a evolução do PDI é a taxa de desemprego, contrariamente à proposta de Inglehart. De facto, nos quatro casos em análise, o PDI evoluiu sempre de forma inversa à taxa de desemprego. A questão que se levanta, e que merece aprofundado estudo no futuro, é saber qual é a causa e qual é o efeito, já que o próprio Inglehart respondeu aos seus críticos olhando para o desemprego como uma condição posterior ao crescimento do pós-materialismo. Isto é, para Inglehart não devemos contrapor o crescimento do PDI com a evolução do desemprego,

mas sim verificar que «o crescimento do pós-materialismo ocorreu apesar, e não como resultado, dos elevados níveis de desemprego» (Abramson e Inglehart, 1994: 337). Contudo, os dados apresentados nesta pesquisa mostram precisamente que sempre que o desemprego aumenta, o PDI diminui. Por este motivo, é útil uma análise futura detalhada sobre a dependência do pós-materialismo face ao desemprego no contexto da crise europeia de 2008.

3.2 O apoio eleitoral dos pós-materialistas após a emergência da crise

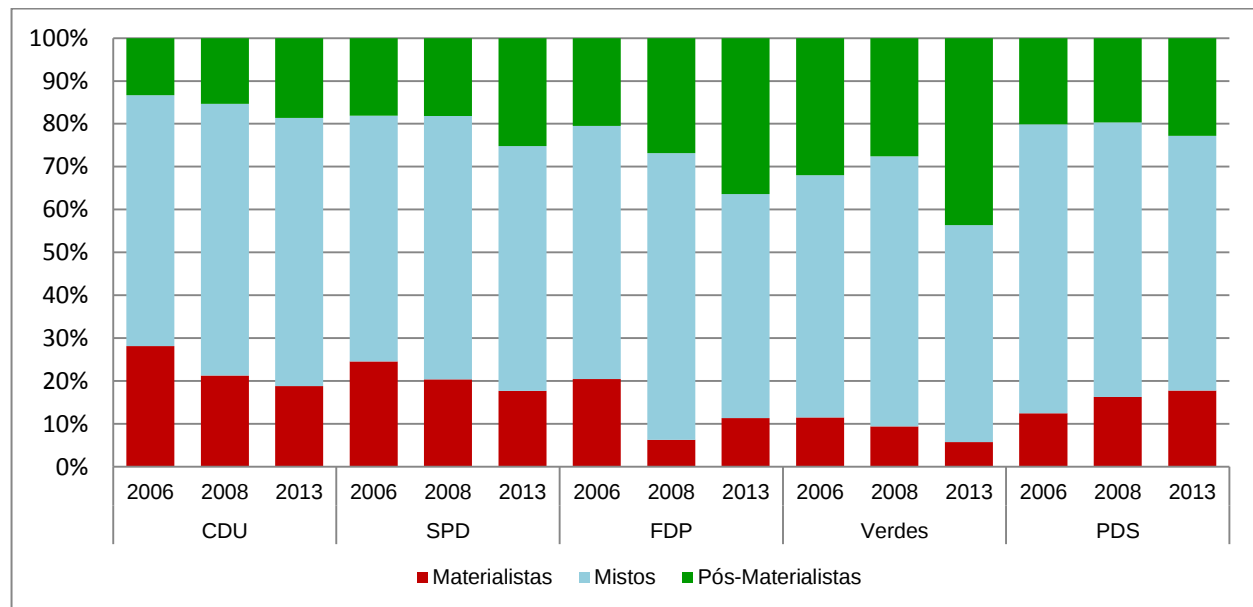
Depois de analisada a evolução do índice que compara a percentagem de materialistas com a percentagem de pós-materialistas, importa agora perceber de que modo o apoio partidário reflecte as tendências observadas. Em detalhe, interessa perceber em que medida o apoio dos pós-materialistas se alterou. Para isso, iremos analisar os dados referentes à quinta e sexta vagas do WVS (2005-2009 e 2010-2014) e à quarta vaga do EVS (2008-2010), que nos permitirão avaliar a percentagem de apoio pós-materialista que cada partido consegue recolher. Além disso, com os mesmos dados é possível, através da análise dos resultados das regressões realizadas, perceber em que medida ser materialista ou pós-materialista explica o voto em cada um dos partidos.

3.2.1 - Alemanha

O estudo do caso alemão é mais uma vez bastante linear e o apoio eleitoral de materialistas e pós-materialistas reflecte o crescimento do PDI apresentado anteriormente. Importa esclarecer que uma diminuição de materialistas não tem necessariamente que ser compensada com um aumento de pós-materialistas e o exemplo alemão apresenta alguns casos que o comprovam. Por exemplo, mesmo quando os materialistas cresceram no FDP (2013), os pós-materialistas também aumentaram; ou no PDS/*Die Linke*, materialistas e pós-materialistas tiveram ambos uma evolução crescente. Este dados explicam-se pelo facto de não haver necessariamente uma transição materialistas/pós-materialistas e ser necessário ter também em consideração o apoio dos cidadãos classificados como mistos.

Olhando para os resultados da regressão logística (tabela 3.2) e articulando-os com o gráfico 3.6, no caso da Alemanha encontramos alguns números interessantes relativamente ao apoio pós-materialista. De um modo geral, assiste-se a um aumento do apoio eleitoral de pós-materialistas e a uma diminuição deste apoio materialista (com excepção do *Die Linke* e do FDP, em que o apoio materialista também cresce) depois do início da crise.

Gráfico 3.6 - Divisão dos eleitores de cada partido político alemão entre materialistas, pós-materialistas e mistos.



Fonte: European Values Study IV e World Values Survey V e VI

Sem surpresa, o pós-materialismo é um dos factores com mais relevância estatística na explicação do voto nos Verdes, um partido tipicamente próximo das ideias pós-materialistas. Na comparação entre antes e depois da crise, verificamos que o peso do pós-materialismo aumentou, em linha com o que já foi mostrado no gráfico anterior, levando os Verdes a ser o partido que melhor expressa o acentuar da dicotomia materialista/pós-materialista após a crise.

É também importante notar que o bloco mais à esquerda, o *Die Linke*, não capitalizou apoio entre os pós-materialistas, apresentando um ténue crescimento. Pelo contrário, o materialismo acaba por crescer ligeiramente no seio dos apoiantes deste partido apesar de não ser explicativo do voto neste partido. Já a religiosidade apresenta-se sem surpresa como um factor explicativo do voto neste partido – neste caso, o facto de não ser religioso aumenta a probabilidade de voto no PDS.

Nos maiores partidos alemães, os pós-materialistas cresceram após a crise, ultrapassando mesmo os materialistas no SPD. Apesar disso, ser materialista ou pós-materialista não permite explicar o voto nestes partidos, já que não tem significância estatística. Apesar do aumento da base eleitoral pós-materialista, verifica-se um aumento

negativo da probabilidade de pós-materialistas votarem na CDU. Como seria expectável, ser religioso é muito mais explicativo do voto neste partido.

É também digno de nota o facto de em 2008 o número de materialistas nas fileiras do FDP ter caído substancialmente, para recuperar no ano seguinte. Esta diminuição é inclusivamente confirmada pela regressão logística, que mostra que em 2008 o materialismo explicava negativamente o voto no FDP.

Tabela 3.2 – O voto Materialista e Pós-Materialista nos partidos alemães.

Alemanha (I)		CDU			SPD			FDP		
		2006	2008	2013	2006	2008	2013	2006	2008	2013
DummyM	B	0,281	0,267	0,092	0,119	0,246	0,148	-0,074	-1,112*	-0,125
	Exp(B)	1,324	1,305	1,096	1,126	1,279	1,160	0,929	0,329	0,883
DummyPM	B	-0,333	-0,322	-0,586***	0,098	-0,071	0,053	0,213	0,124	0,408
	Exp(B)	0,716	0,725	0,556	1,102	0,931	1,055	1,238	1,132	1,504
Religiosidade	B	-0,502***	-0,603***	-0,378***	-0,015	0,023	0,110	0,156	0,020	0,156
	Exp(B)	0,606	0,547	0,685	0,985	1,024	1,116	1,169	1,020	1,169
Idade	B	0,016***	0,018***	0,005	0,002	-0,007	0,006	-0,003	0,001	-0,004
	Exp(B)	1,016	1,018	1,006	1,002	0,993	1,006	0,997	1,001	0,996
Rendimento	B	0,159***	0,220*	0,073*	0,084**	-0,037	0,043	0,114	0,556***	0,136
	Exp(B)	1,172	1,246	1,075	1,088	0,964	1,044	1,121	1,744	1,146
Constante	B	-1,028**	-0,286	0,244	-1,437***	-0,841*	-1,891***	-3,789***	-3,542***	-4,703***
	Exp(B)	0,358	0,752	1,276	0,238	0,431	0,151	0,023	0,029	0,009
N		1491	1106	1526	1491	1106	1526	1491	1106	1526
Qui-Quadrado		163,186	120,571	90,869	8,631	4,518	8,795	5,541	26,719	5,333
R Cox		0,104	0,103	0,058	0,006	0,004	0,006	0,004	0,024	0,003
R Nagelkerke		0,148	0,143	0,078	0,008	0,006	0,008	0,011	0,054	0,016

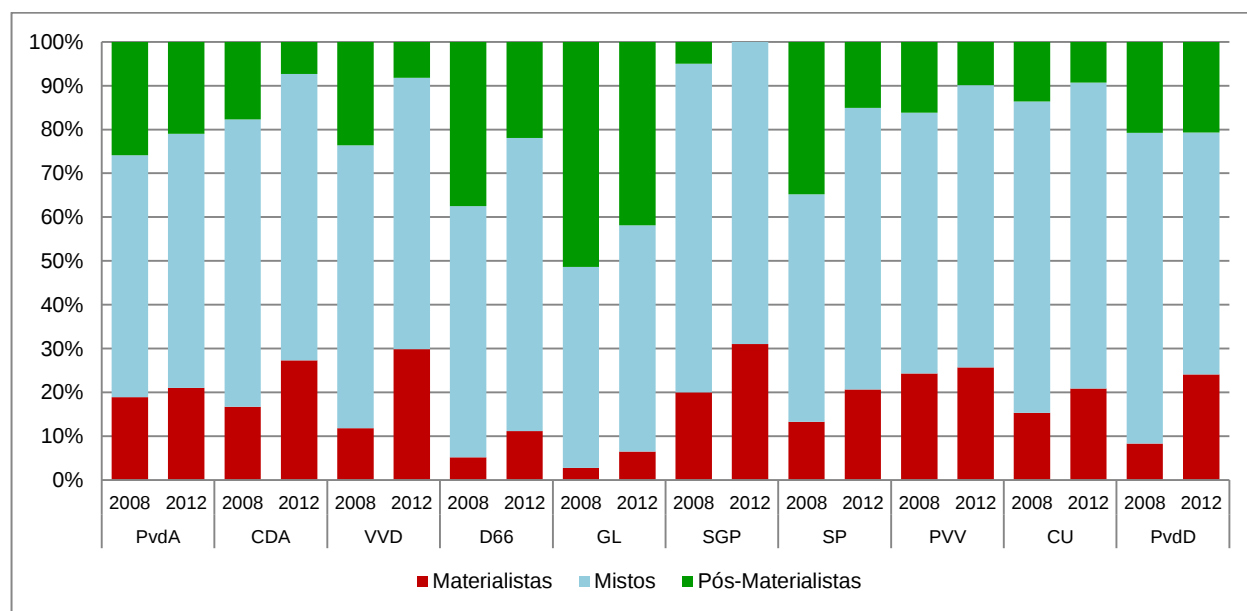
Alemanha (II)		Verdes			PDS		
		2006	2008	2013	2006	2008	2013
DummyM	B	-0,372	-0,316	-0,816*	-0,990***	-0,048	0,130
	Exp(B)	0,690	0,729	0,442	0,372	0,953	1,139
DummyPM	B	0,699**	0,355	0,816***	0,183	0,111	0,008
	Exp(B)	2,012	1,426	2,261	1,201	1,117	1,008
Religiosidade	B	-0,088	-0,017	0,042	0,780***	1,005***	0,529***
	Exp(B)	0,915	0,983	1,043	2,181	2,731	1,698
Idade	B	-0,046***	-0,048***	-0,028***	0,019***	0,020***	0,006
	Exp(B)	0,955	0,953	0,972	1,019	1,020	1,006
Rendimento	B	0,111*	-0,008	0,065	-0,172***	-0,341**	-0,201***
	Exp(B)	1,117	0,992	1,067	0,842	0,711	0,818
Constante	B	-0,817	0,078	-1,532**	-4,710***	-5,035***	-2,985***
	Exp(B)	0,442	1,082	0,216	0,009	0,007	0,051
N		1491	1106	1526	1491	1106	1526
Qui-Quadrado		79,937	64,036	69,625	105,406	130,004	63,683
R Cox		0,052	0,056	0,045	0,068	0,111	0,041
R Nagelkerke		0,128	0,116	0,093	0,135	0,175	0,076

Fonte: European Values Study IV e World Values Survey V e VI. *<0,05; **<0,01; ***=0,000.

3.2.2 - Holanda

No caso holandês comparamos apenas dois momentos no que se refere ao apoio eleitoral de materialistas e pós-materialistas, 2008 e 2012, uma vez que para 2006 não existem dados disponíveis sobre o voto.³ O gráfico 3.7 mostra que houve uma clara diminuição da percentagem de pós-materialistas e uma tendência para o aumento da percentagem de materialistas, entre os eleitores de todos os partidos. Estes dados são consistentes com os dados apresentados anteriormente relativamente à queda do PDI, que entre 2008 e 2012 caiu de 7,5% para -10%. A diminuição mais significativa de pós-materialistas verificou-se no Partido Socialista, seguido dos liberais-democratas do VVD e dos centristas do D66. Ainda assim, no caso do D66, depois da crise, ser materialista tem um impacto negativo e crescente no voto enquanto ser pós-materialista ajuda a explicar o voto neste partido.

Gráfico 3.7 - Divisão dos eleitores de cada partido político holandês entre materialistas, pós-materialistas e mistos.



Fonte: European Values Study IV e World Values Survey V e VI

Esta é também a interpretação que se pode retirar do modelo de regressão logística. Particularmente no que respeita ao VVD, o pós-materialismo é um factor que explica

³ Os dados para a quarta vaga do EVS foram recolhidos até Outubro de 2008 e, portanto, antes do pico da crise.

negativamente o voto neste partido que lidera o governo holandês, enquanto ser materialista ajuda a explicar positivamente o voto neste partido, principalmente em 2012, ano em que o VVD venceu as eleições e formou Governo. Não deixa de ser curioso que, em 2012, ser pós-materialista explique o voto nos trabalhistas do PvdA, que pertencem à coligação governamental com o VVD. Sem surpresa, os Verdes são o partido com maior apoio pós-materialista na Holanda e aquele em que ser pós-materialista é de facto uma explicação para o voto. Importa notar que apesar da diminuição da percentagem de pós-materialistas entre o eleitorado “verde”, esta variável tornou-se mais explicativa do voto em 2012, face a 2008.

Tabela 3.3 - O voto Materialista e Pós-Materialista nos partidos holandeses.

Holanda (I)		PvdA		CDA		VVD		D66		GL	
		2008	2012	2008	2012	2008	2012	2008	2012	2008	2012
DummyM	B	0,387	0,160	0,016	0,147	-0,008	0,522**	-0,920	-0,899**	-1,209	-1,660
	Exp(B)	1,473	1,173	1,016	1,159	0,992	1,686	0,399	0,407	0,298	0,190
DummyPM	B	-0,012	0,521**	-0,383*	-0,606	-0,192	-1,139**	0,429	0,485*	1,152***	1,300**
	Exp(B)	0,988	1,684	0,682	0,546	0,825	0,320	1,535	1,624	3,164	3,669
Religiosidade	B	0,431***	0,230**	-0,773***	-0,904***	0,373***	0,251**	0,541***	0,287**	0,298*	0,342
	Exp(B)	1,538	1,258	0,462	0,405	1,453	1,285	1,717	1,332	1,347	1,407
Idade	B	0,013*	0,005	0,021***	0,031***	-0,004	-0,003	-0,005	-0,015**	-0,010	-0,028*
	Exp(B)	1,013	1,005	1,021	1,031	0,996	0,997	0,995	0,985	0,990	0,972
Rendimento	B	-0,195	-0,006	0,110	0,133**	0,692***	0,231***	-0,121	0,153***	-0,094	0,058
	Exp(B)	0,822	0,994	1,116	1,142	1,997	1,260	0,886	1,166	0,910	1,060
Constante	B	-3,224***	-2,482***	-0,620	-2,056***	-4,023***	-3,710***	-3,391***	-2,807***	-3,105***	-3,895**
	Exp(B)	0,040	0,084	0,538	0,128	0,018	0,024	0,034	0,060	0,045	0,020
N		1051	1264	1051	1264	1051	1264	1051	1264	1051	1264
Qui-Quadrado		32,091	19,589	154,455	156,895	67,718	76,527	35,332	64,069	38,111	26,374
R Cox		0,030	0,015	0,137	0,117	0,062	0,059	0,033	0,049	0,036	0,021
R Nagelkerke		0,052	0,024	0,203	0,231	0,111	0,109	0,074	0,094	0,094	0,108

Holanda (II)		SGP		SP		PVV		CU		PvdD	
		2008	2012	2008	2012	2008	2012	2008	2012	2008	2012
DummyM	B	-1,196	-0,299	0,268	-0,141	0,556	0,161	-0,175	-0,490	-0,446	0,166
	Exp(B)	0,302	0,741	1,307	0,868	1,744	1,175	0,840	0,613	0,640	1,181
DummyPM	B	-1,264	-16,240	0,545*	-0,009	-0,828	-0,509	-0,263	0,395	-0,106	0,562
	Exp(B)	0,283	0,000	1,725	0,991	0,437	0,601	0,769	1,484	0,899	1,755
Religiosidade	B	-3,042**	-2,428***	0,249*	0,377***	0,486*	0,506***	-2,138***	-1,965***	0,216	0,246
	Exp(B)	0,048	0,088	1,283	1,457	1,626	1,658	0,118	0,140	1,241	1,279
Idade	B	-0,024	-0,004	-0,017**	-0,008	-0,007	-0,005	-0,036***	-0,023*	-0,015	-0,016
	Exp(B)	0,977	0,996	0,984	0,992	0,993	0,995	0,965	0,977	0,985	0,984
Rendimento	B	-0,004	0,069	-0,460***	-0,238***	-0,351	-0,165***	0,160	-0,055	-0,434	-0,253*
	Exp(B)	0,996	1,071	0,631	0,788	0,704	0,848	1,174	0,947	0,648	0,777
Constante	B	2,018	0,752	-1,157*	-1,594**	-3,727***	-2,751***	2,529**	2,370**	-2,801*	-2,872*
	Exp(B)	7,523	2,121	0,314	0,203	0,024	0,064	12,539	10,697	0,061	0,057
N		1051	1264	1051	1264	1051	1264	1051	1264	1051	1264
Qui-Quadrado		44,082	86,804	29,513	50,674	14,437	39,959	117,728	119,187	4,244	11,278
R Cox		0,041	0,066	0,028	0,039	0,014	0,031	0,106	0,090	0,004	0,009
R Nagelkerke		0,311	0,387	0,055	0,073	0,057	0,064	0,337	0,362	0,023	0,049

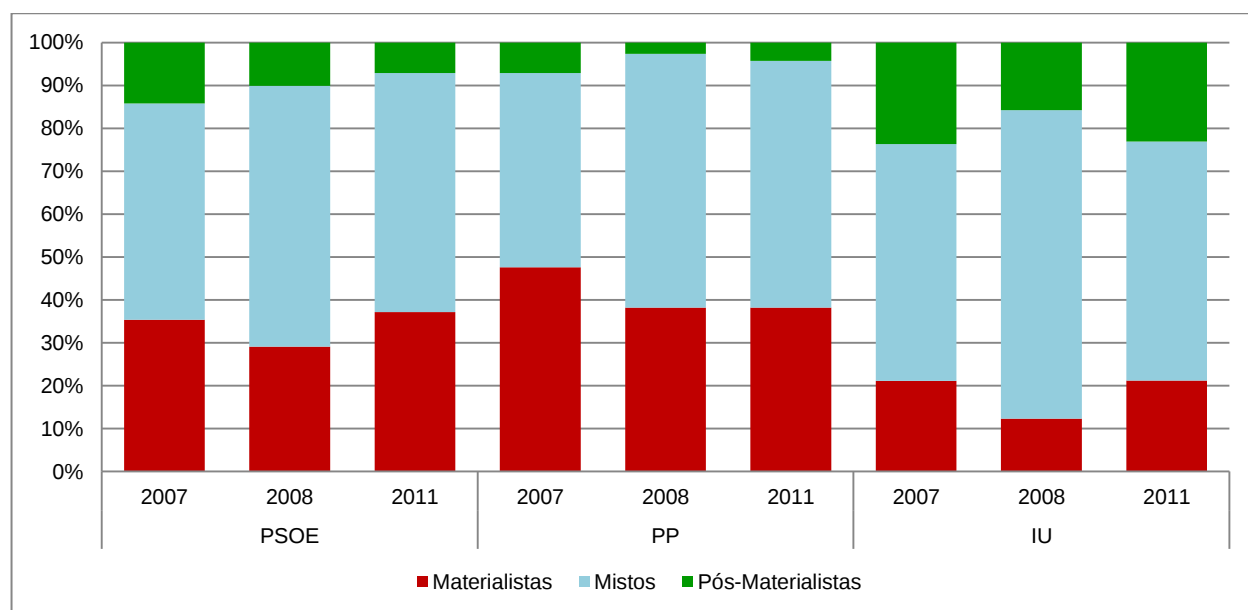
Fonte: European Values Study IV e World Values Survey V e VI. *<0,05; **<0,01; ***=0,000.

É importante também realçar o peso que a religiosidade continua a ter como factor explicativo do voto na Holanda, o que tem sido historicamente uma realidade. Como seria de esperar, esta é uma variável que explica fortemente o voto nos democratas-cristãos (CDA), nos calvinistas do SGP e na União Cristã.

3.2.3 - Espanha

O número de pós-materialistas em Espanha é historicamente baixo e tem diminuído com o avolumar da crise financeira. Olhando para a evolução em cada um dos partidos, verificamos que o apoio eleitoral pós-materialista no PSOE diminuiu após o início da crise. No caso da IU e, talvez surpreendentemente, do PP, verificou-se em 2011 uma recuperação deste eleitorado. Não obstante, o volume de materialistas é substancialmente maior, crescendo no PSOE e na IU e mantendo-se no PP após o início da crise o que, tendo em conta a história espanhola do pós-materialismo, acaba por ter um significado importante. Seja como for, ser materialista ou ser pós-materialista são variáveis sem significância estatística quando se procura explicar o voto no PSOE e na IU. No caso do PP, podemos encontrar nestas variáveis alguma explicação apenas para o voto materialista já que ser pós-materialista explica negativamente o voto no PP, assistindo-se a uma diminuição desta variável de 2008 para 2011.

Gráfico 3.8 - Divisão dos eleitores de cada partido político espanhol entre materialistas, pós-materialistas e mistos.



Fonte: European Values Study IV e World Values Survey V e VI.

Pelo contrário, o voto nos partidos espanhóis continua a ser fortemente explicado pela religiosidade. No PP assiste-se a uma relação positiva que aumentou após a crise. Já na IU a relação é negativa, aumentando também após a crise, enquanto no PSOE, apesar de negativa, diminuiu. É também curioso notar que a variável Rendimento explica o voto no PP, sendo que quanto maior o rendimento, maior o apoio a este partido. Já no PSOE, principalmente depois da crise, a mesma variável explica negativamente o voto, ou seja, quanto menor o rendimento maior a probabilidade de votar no PSOE.

A análise ao caso espanhol não pode deixar de reflectir as particularidades que o índice pós-materialistas/materialistas sempre apresentou neste país. Sendo historicamente um país marcadamente materialista, não surpreende que a base de apoio dos principais partidos tenha uma reduzida expressão de pós-materialistas. Contudo, o cenário em Espanha pode estar a mudar. De facto, os últimos dados disponíveis são de 2011, e por isso anteriores ao surgimento do Podemos (marcadamente associada à esquerda libertária), em 2014, partido que rapidamente ganhou uma forte presença eleitoral, e numa altura em que o outro partido “sensação” dos últimos anos, o Ciudadanos, era ainda apenas um pequeno movimento com praticamente nenhuma expressão eleitoral. Por este motivo, é imprescindível prosseguir o estudo no caso particular de Espanha, de modo a perceber se estes novos partidos capitalizaram o voto pós-materialista.

Tabela 3.4 - O voto Materialista e Pós-Materialista nos partidos espanhóis.

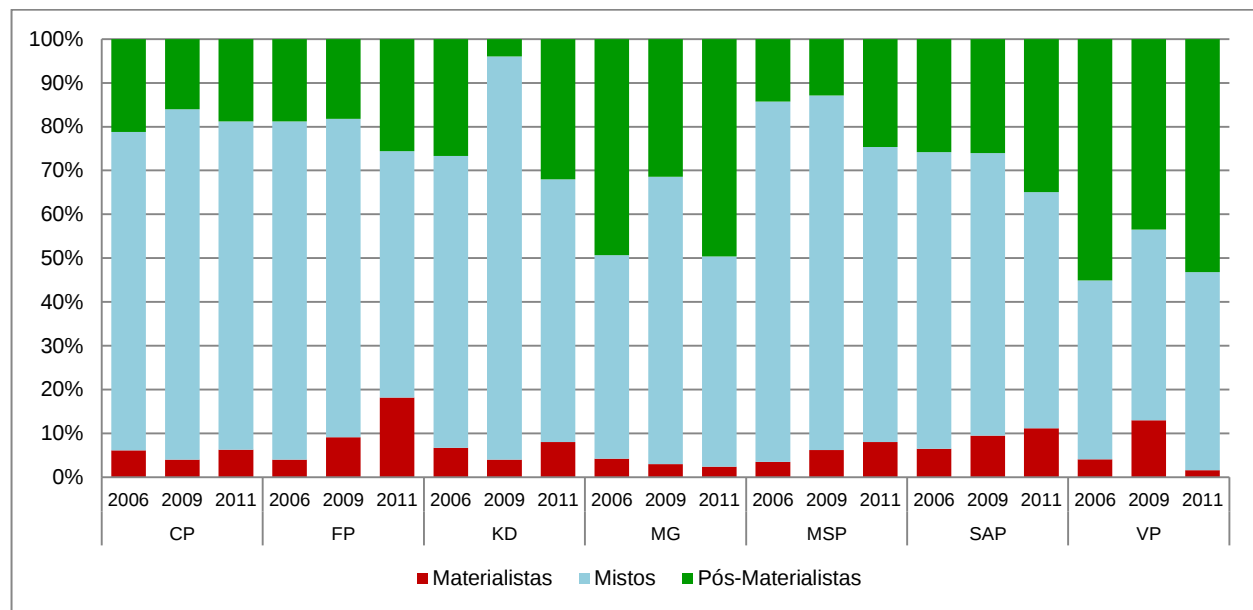
Espanha		PP			PSOE			IU		
		2007	2008	2011	2007	2008	2011	2007	2008	2011
DummyM	B	0,626***	0,233	0,207	0,100	-0,075	-0,061	-0,544	-0,918	-0,330
	Exp(B)	1,870	1,262	1,230	1,105	0,928	0,941	0,580	0,399	0,719
DummyPM	B	-0,298	-2,264**	-0,904**	0,108	0,506	-0,599	0,356	0,429	0,711
	Exp(B)	0,742	0,104	0,405	1,114	1,658	0,549	1,427	1,536	2,036
Religiosidade	B	-0,525***	-0,455***	-0,643***	0,293***	0,188	0,199*	0,444*	1,306***	0,768***
	Exp(B)	0,592	0,635	0,526	1,340	1,207	1,220	1,559	3,692	2,156
Idade	B	0,003	0,002	0,000	0,004	0,001	0,016**	-0,021	0,012	0,002
	Exp(B)	1,003	1,002	1,000	1,004	1,001	1,016	0,980	1,012	1,002
Rendimento	B	0,108*	0,197	0,151**	0,050	-0,149	-0,108*	-0,004	-0,113	0,123
	Exp(B)	1,114	1,218	1,163	1,051	0,861	0,897	0,996	0,893	1,131
Constante	B	-0,516	0,119	0,502	-1,446***	-0,307	-2,095***	-3,576***	-6,924***	-5,994***
	Exp(B)	0,597	1,127	1,653	0,235	0,736	0,123	0,028	0,001	0,002
N		932	523	801	932	523	801	932	523	801
Qui-Quadrado		78,379	52,254	88,880	20,301	8,940	20,160	17,199	43,160	26,238
R Cox		0,081	0,095	0,105	0,022	0,017	0,025	0,018	0,080	0,032
R Nagelkerke		0,119	0,131	0,145	0,029	0,023	0,039	0,066	0,192	0,091

Fonte: European Values Study IV e World Values Survey V e VI. *<0,05; **<0,01; ***=0,000.

3.2.4 - Suécia

A distribuição eleitoral de materialistas e pós-materialistas por cada partido na Suécia reflecte, em primeira instância, a tendência histórica deste país para o pós-materialismo. Observando brevemente o gráfico 3.9, facilmente verificamos a maior mancha verde, respeitante à percentagem de pós-materialistas, contrapondo uma reduzida cobertura vermelha, materialista.

Gráfico 3.9 - Divisão dos eleitores de cada partido político sueco entre materialistas, pós-materialistas e mistos.



Fonte: European Values Study IV e World Values Survey V e VI

De um modo geral, assistimos a um recuo dos pós-materialistas após o início da crise, nalguns casos acompanhado por um aumento da percentagem de materialistas. Olhando para os dados de 2011, já após o pico da crise, assistimos a uma recuperação para valores semelhantes aos registados antes da crise e até a um crescimento assinalável em alguns partidos.

O modelo de regressão logística denota que o pós-materialismo se apresenta como um importante factor explicativo do voto no partido dos Verdes e no partido da Esquerda. Em ambos os casos, porém, perde alguma preponderância de 2006 para 2011. Em sentido inverso, o pós-materialismo diminui a probabilidade do voto no Partido Moderado que, durante os anos em análise liderou o governo da Suécia. É interessante realçar também que os quatro

partidos que formaram o governo (Centro, Moderado, Liberal e Democrata-Cristão) assistiram a um aumento de materialistas entre 2006 e 2011. Ou seja, sendo a Suécia um país tendencialmente pós-materialista, foi governado nos últimos oito anos por partidos que viram crescer os seus eleitores materialistas. Contudo, se é verdade que em todos estes partidos o pós-materialismo não é um factor explicativo do voto, também é verdade que o materialismo não se assume como um importante indicador neste domínio.

Além disto, é também curioso notar que nos partidos que iriam assumir o Governo sueco em 2014 assiste-se a uma diminuição do peso do pós-materialismo como factor explicativo do voto nos Verdes e a um aumento do materialismo como explicação do voto nos Sociais-Democratas.

Tabela 3.5 - O voto Materialista e Pós-Materialista nos partidos suecos.

Suécia (I)		CP			FP			KD		
		2006	2009	2011	2006	2009	2011	2006	2009	2011
DummyM	B	0,169	-0,992	-0,445	-0,546	0,237	-0,201	0,602	-1,118	-0,160
	Exp(B)	1,185	0,371	0,641	0,579	1,267	0,818	1,826	0,327	0,852
DummyPM	B	-0,185	-0,497	-0,788	-0,495	-0,352	-0,316	0,027	-2,576*	0,244
	Exp(B)	0,831	0,608	0,455	0,609	0,704	0,729	1,027	0,076	1,276
Religiosidade	B	-0,047	-0,083	-0,318	-0,016	0,087	-0,311*	-1,222***	-2,064***	-1,055***
	Exp(B)	0,954	0,920	0,727	0,984	1,091	0,733	0,294	0,127	0,348
Idade	B	-0,005	0,022	-0,007	-0,004	0,033**	0,012	-0,021	-0,013	0,028*
	Exp(B)	0,995	1,022	0,993	0,996	1,033	1,012	0,979	0,987	1,028
Rendimento	B	-0,056	-0,420	0,057	0,128**	0,570**	0,283***	0,025	0,587	0,259*
	Exp(B)	0,945	0,657	1,059	1,137	1,767	1,328	1,025	1,798	1,295
Constante	B	-2,438*	-2,920*	-2,192*	-2,467***	-5,350***	-3,694***	0,435	1,408	-4,104**
	Exp(B)	0,087	0,054	0,112	0,085	0,005	0,025	1,545	4,089	0,017
N		803	606	948	803	606	948	803	606	948
Qui-Quadrado		1,367	7,404	6,408	15,012	21,420	30,444	34,651	77,572	38,575
R Cox		0,002	0,012	0,007	0,019	0,035	0,032	0,042	0,120	0,040
R Nagelkerke		0,006	0,420	0,026	0,035	0,071	0,074	0,162	0,424	0,190

Suécia (II)		MG			MSP		
		2006	2009	2011	2006	2009	2011
DummyM	B	-0,237	-1,063	-0,961	-0,561	-0,341	0,269
	Exp(B)	0,789	0,345	0,383	0,571	0,711	1,308
DummyPM	B	1,221***	0,503	0,739***	-1,148***	-0,899**	-0,522**
	Exp(B)	3,390	1,654	2,093	0,317	0,407	0,593
Religiosidade	B	-0,201	-0,138	0,087	0,143	0,242*	0,077
	Exp(B)	0,818	0,871	1,091	1,154	1,273	1,080
Idade	B	-0,018*	-0,016	-0,027***	0,014*	0,003	0,021***
	Exp(B)	0,982	0,984	0,973	1,014	1,003	1,022
Rendimento	B	-0,156**	-0,360*	-0,068	0,185***	0,704***	0,305***
	Exp(B)	0,856	0,698	0,934	1,203	2,021	1,357
Constante	B	-0,502	-0,240	-0,863	-3,016***	-3,329***	-3,704***
	Exp(B)	0,606	0,787	0,422	0,049	0,036	0,025
N		803	606	948	803	606	948
Qui-Quadrado		38,605	15,953	50,716	72,633	54,657	98,544
R Cox		0,047	0,026	0,052	0,086	0,086	0,099
R Nagelkerke		0,106	0,052	0,097	0,125	0,124	0,139

Suécia (III)		SAP			VP		
		2006	2009	2011	2006	2009	2011
DummyM	B	0,434	0,196	0,851**	0,361	1,077*	-1,277
	Exp(B)	1,534	1,216	2,343	1,435	2,935	0,279
DummyPM	B	0,110	0,388	0,205	1,362***	1,202**	0,820**
	Exp(B)	1,116	1,474	1,227	3,905	3,326	2,270
Religiosidade	B	0,096	0,101	-0,047	-0,058	0,006	0,546**
	Exp(B)	1,101	1,106	0,954	0,944	1,006	1,727
Idade	B	0,009*	0,008	0,007	-0,011	-0,003	-0,011
	Exp(B)	1,009	1,008	1,007	0,989	0,997	0,989
Rendimento	B	-0,071**	-0,352**	-0,166***	-0,036	-0,138	-0,366***
	Exp(B)	0,931	0,703	0,847	0,965	0,871	0,693
Constante	B	-1,142**	-1,012	-0,542	-2,396**	-2,619**	-2,447**
	Exp(B)	0,319	0,363	0,582	0,091	0,073	0,087
N		803	606	948	803	606	948
Qui-Quadrado		13,581	14,953	28,497	20,938	14,208	59,636
R Cox		0,017	0,024	0,030	0,026	0,023	0,061
R Nagelkerke		0,024	0,035	0,044	0,071	0,058	0,161

Fonte: European Values Study IV e World Values Survey V e VI. *<0,05; **<0,01; ***=0,000.

Relativamente ao apoio eleitoral dos cidadãos europeus pós-materialistas após a crise económica de 2008 os dados apresentados permitem-nos verificar a segunda hipótese de trabalho, ainda que o apoio eleitoral pós-materialista não seja igual em todos os países. No caso da Alemanha, a crise não afectou o crescimento do pós-materialismo, o que se reflecte no apoio eleitoral dos pós-materialistas, que também cresceu, particularmente no caso dos Verdes. No caso sueco, assiste-se a uma queda do apoio pós-materialista no pico da crise, mas a uma recuperação para valores pré-crise quando a economia começou a recuperar, principalmente nos partidos mais à esquerda. Já na Holanda, em que a crise foi mais duradoura que na Alemanha e Suécia, os últimos dados mostram que a base eleitoral pós-materialista diminuiu após o surgimento da crise, mesmo nos partidos tendencialmente mais associados aos valores pós-materialistas. Ainda assim, o facto da economia holandesa não ter voltado ainda a crescer de modo robusto impossibilita conclusões mais definitivas, pelo que são necessários dados mais recentes para conclusões mais aprofundadas. Em Espanha o fraco apoio pós-materialista reflecte a tendência histórica deste país para o materialismo. De facto, o número de pós-materialistas é bastante reduzido nos dois principais partidos e o principal comportamento após o surgimento da crise é mesmo o aumento do número de materialistas, o que é aliás expectável. O partido mais à esquerda é aquele que concentra mais apoio de pós-materialistas e, após o pico da crise conseguiu recuperar este eleitorado para níveis pré-crise (ainda que com um grande equilíbrio com o número de materialistas). De um modo geral, confirma-se que o apoio eleitoral pós-materialista se concentra nos partidos de esquerda, particularmente ecologistas, mas diminuiu nos países mais afectados pela crise.

Verificando até que ponto ser pós-materialista é um factor explicativo do voto, os resultados são de um modo geral expectáveis, já que é nos partidos verdes e de esquerda libertária que ser pós-materialista mais explica o voto. Importa referir que, apesar da crise, ser pós-materialista cresceu como factor explicativo do voto nos partidos verdes e de esquerda libertária na Holanda e Alemanha. Pelo contrário, no caso sueco, ser pós-materialista continua a explicar o voto nos Verdes e no Partido da Esquerda, mas perdeu força após a crise. Já nos partidos de direita e centro-direita, mais conservadores, assiste-se a uma maior preponderância dos valores materialistas ou a um impacto negativo dos valores pós-materialistas como influenciadores do voto (por exemplo no PP, CDU, VVD ou MSP). Nos partidos de centro-esquerda, não há dados significativamente relevantes relativamente esta questão, mas importa destacar a maior influência pós-materialista no PvdA e no D66, mesmo apesar das menos favoráveis condições económicas holandesas.

CONCLUSÕES

Após a análise dos diversos dados apresentados nas páginas anteriores, há várias conclusões que se podem tirar mas também se colocam algumas perguntas. Tratemos em primeiro lugar das conclusões, para depois procurarmos lançar algumas pistas para os próximos passos na investigação deste tema.

Em primeiro lugar, importa voltar às hipóteses de trabalho colocadas inicialmente e tentar responder-lhes. A primeira hipótese avançava com a expectativa de que a tendência para o crescimento do pós-materialismo regrediu nos países mais afectados pela crise económico-financeira. Se olharmos para os dados agregados dos quatro países que analisámos, confirmamos que de facto o pós-materialismo em geral diminuiu face aos valores anteriores. No entanto, como demonstrámos no gráfico 3.1, a tendência de queda já se verificava desde o início dos anos 1990, não parecendo por isso ser uma consequência exclusiva do contexto de crise que a Europa viveu no final da primeira década do século XXI. Não obstante, é importante recordar que esta média tem apenas em conta os quatro países analisados, pelo que para uma melhor análise é necessário olhar para cada país.

No caso alemão, a evolução do PDI parece ser independente do contexto económico, já que tem crescido desde o início do século XXI, independentemente dos indicadores

macroeconómicos⁴. De igual modo, o caso sueco apresenta também uma evolução geral positiva, apesar de um pequeno revés em 2009. Deste modo, parece verificar-se em ambos os casos uma confirmação da proposta de Inglehart, já que assistimos a um crescimento generalizado do pós-materialismo, que pode abrandar em momentos de crise (como aconteceu na Suécia, ainda que não tenha acontecido na Alemanha). No caso sueco é importante destacar que os últimos dados referentes ao PDI reportam-se a 2011, e em 2012 a economia sueca voltou a recuar. Assim, é necessário continuar esta análise para perceber o comportamento do índice pós-materialista.

Na Holanda, a evolução do PDI acompanha a queda da economia, mas é necessário perceber se estes dois acontecimentos estão relacionados. Com efeito, os últimos dados para o PDI holandês dizem respeito a 2012, numa altura em que a economia continuava em queda. Importa por isso, tal como na Suécia, recolher novos dados que possam ser contrapostos à recuperação da economia holandesa. No caso holandês, contudo, assiste-se a uma generalizada tendência para a diminuição dos pós-materialistas, se considerarmos que, no início dos anos 1990, a Holanda era, dos quatro países em análise, aquele que tinha maior número de pós-materialistas por comparação aos materialistas. Cerca de vinte anos depois, foi ultrapassada por Alemanha e Suécia.

Espanha constitui o exemplo menos ilustrativo da teoria de Inglehart, desde logo porque não chegou sequer a atingir um número francamente positivo de pós-materialistas. Ainda assim, os dados mostram que num contexto económico geralmente negativo, o número de materialistas ultrapassou ainda mais o de pós-materialistas. Importa porém notar que não é possível neste caso falar em possíveis efeitos de período dada a histórica tendência espanhola para o materialismo. Além disso, mesmo no momento em que a inflação baixou, o PDI não subiu.

Olhando para o contexto de crise económica por oposição à evolução do PDI, verificamos de facto, como esperado, que nos países onde a crise foi mais severa, o pós-materialismo diminui mais. Este facto é comprovado pelos resultados apresentados para o caso holandês (PIB regrediu vários anos e desemprego aumentou) e para o caso espanhol (PIB em queda mais de meia década e desemprego galopante).

Nas análises feitas individualmente a cada um dos países em estudo podemos encontrar um denominador comum – o desemprego. De facto, em todos os casos analisados, assistimos

⁴ O facto de existirem poucos casos em análise (apenas quatro países em apenas quatro momentos) não nos permite traçar uma medida estatística de correlação sobre esta questão. Assim, esta interpretação é unicamente baseada na análise descritiva dos dados apresentados.

sempre a um aumento do PDI (e, portanto, do número de pós-materialistas) nos momentos em que o desemprego diminui. Pelo contrário, quando o desemprego aumenta, o PDI diminui. Este é um dado relevante se considerarmos que a ausência do desemprego nos testes de Inglehart é uma das principais críticas que lhe é feita e que Inglehart nunca reconheceu como justificada. Ainda que esta questão não seja nova, é importante estudar aprofundadamente a relação entre o desemprego e a evolução do pós-materialismo principalmente tendo em conta os níveis recorde de desemprego que a Europa conheceu no final da primeira e início da segunda décadas do século XXI.

Relativamente à segunda hipótese, que adiantava que o apoio partidário dos cidadãos europeus pós-materialistas se concentra tendencialmente nos partidos de esquerda libertária mas diminuiu após a crise económica de 2008, em especial nos países mais afectados, há também algumas conclusões a tirar. Em primeiro lugar, podemos confirmar que, de um modo geral, a hipótese proposta se verifica, uma vez que se comprova que o voto pós-materialista se concentra nos partidos de esquerda e ecologistas. Ainda assim, a evolução deste apoio não foi igual em todos os países. Se olharmos para os casos alemão e sueco, verificamos que mesmo após a crise económica de 2008 o apoio partidário de eleitores pós-materialistas cresceu, em linha com o comportamento do PDI nestes países, sobretudo à esquerda. No caso sueco os dados de 2011 mostram níveis semelhantes ou superiores aos de 2006, pré-crise. Na Alemanha, os dados de 2008 são ainda pré-crise pelo que em 2013 se assiste a um crescimento em todos os partidos (qualquer pequeno abrandamento entre 2008 e 2013 fica fora do alcance desta análise, mas os dados apresentados permitem ter uma ideia geral bastante clara). Em ambos os países encontramos, contudo, alguns partidos em que o número de materialistas acabou também por crescer. No caso sueco, destaque para os partidos que formavam a coligação governamental até 2014; no caso alemão este cenário verificou-se no *Die Linke*, partido da oposição de extrema-esquerda.

Na Holanda o voto pós-materialista tem expressão sobretudo nos partidos à esquerda, mas evoluiu negativamente com o surgimento da crise e em linha com a queda do PDI. Pelo contrário, após o pico da crise, o apoio materialista cresceu em praticamente todos os partidos. Em Espanha, apenas o partido mais à esquerda, a IU, consegue reunir algum apoio pós-materialista significativo. Apesar de ter conseguido recuperar este apoio após o pico da crise, assiste-se ainda a um forte equilíbrio com o número de materialistas.

No que respeita à explicação do voto antes e depois da crise, há algumas conclusões que podemos tirar. Com efeito, ser pós-materialista ajuda a explicar o voto principalmente nos partidos Verdes e de esquerda libertária, onde tendencialmente esta é já uma variável

importante. No caso dos partidos verdes alemão e holandês, assiste-se mesmo a um crescimento do pós-materialismo como variável explicativa do voto, sendo aquela que tem mais influência no voto. No caso dos verdes suecos, ser pós-materialista é também uma variável fortemente explicativa do voto, ainda que tenha decrescido. O pós-materialismo como factor explicativo do voto após o início da crise é sobretudo relevante nos partidos de esquerda/centro-esquerda (PvdA, D66, VP, além do Verdes) e, apesar de não se assistir a um aumento do seu peso, é a variável que mais contribui para explicar o voto. Inversamente, ser pós-materialista explica negativamente o voto sobretudo em partidos de centro-direita que, curiosamente, lideraram os respectivos Governos (CDU, PP, VVD e Moderados).

Regressando à pergunta com que iniciámos este estudo, podemos considerar que a crise financeira e económica de 2008 teve algum impacto no caminho para o pós-materialismo que Inglehart tinha defendido ser irreversível, em linha com o que prevê a literatura, (Duch e Taylor, 1993; Trump, 1991; Flanagan, 1982), ainda que esta análise não seja transversal a todos os contextos e não implique um recuo definitivo do pós-materialismo. No caso sueco, houve um recuo temporário dos pós-materialistas apenas após o pico da crise, enquanto no caso holandês é necessário avaliar se o recuo verificado será desfeito no momento em que a economia voltar a crescer. Na Alemanha, apesar da crise, o caminho para o pós-materialismo continuou em crescimento. No caso espanhol, é difícil tirar uma conclusão definitiva já que neste país o pós-materialismo está ainda longe de ser dominante. Não estando a crise ainda definitivamente ultrapassada, é importante desenvolver esta análise num momento em que seja possível balizar temporalmente a crise e, assim, entender se as quedas do PDI se circunscrevem ao período da crise.

A nossa análise permitiu-nos também avaliar em que medida o apoio eleitoral dos pós-materialistas se alterou com a crise, levando-nos a concluir que o apoio pós-materialista se continua a concentrar à esquerda, como previa a literatura que sustenta este trabalho (Müller-Rommel, 2002; Tranter e Western, 2009; Belchior, 2010; Kitschelt, 1990; 1994), ainda que tenha sido, nalguns casos, ligeiramente afectado pela crise. Após momentos de crise, e independentemente da evolução do pós-materialismo, o materialismo tendeu a crescer em praticamente todos os partidos (com excepção de alguns na Alemanha e Suécia).

Em linha com algumas críticas que têm sido feitas a Inglehart importa prosseguir o estudo aprofundado do efeito dos níveis excepcionalmente altos de desemprego no desenvolvimento do pós-materialismo. Ainda que alguns autores já se tenham debruçado sobre esta questão, é necessário analisá-la à luz de uma das maiores crises económicas de sempre.

FONTES

- WVS (2014): World Values Survey 1981-2014 Longitudinal Aggregate v.20150418. World Values Survey Association (www.worldvaluessurvey.org). Aggregate File Producer: JDSystems, Madrid SPAIN.
- EVS (2011): European Values Study Longitudinal Data File 1981-2008 (EVS 1981-2008). GESIS Data Archive, Cologne. ZA4804 Data file Version 2.0.0, doi:10.4232/1.11005
- EUROSTAT (2014): Total unemployment rate. Eurostat Home. Consultado a 10 Março de 2015, em <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>
- EUROSTAT (2014): HICP - inflation rate (Annual average rate of change (%)). Eurostat Home. Consultado a 10 Março de 2015, em <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>
- EUROSTAT (2014): Real GDP growth rate – volume (Percentage change on previous year). Eurostat Home. Consultado a 10 Março de 2015, em <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>

BIBLIOGRAFIA

- Abramson, Paul e Ronald Inglehart (1987), "Generational Replacement and the Future of Post-Materialist Values", *Journal of Politics*, 49, pp. 231-241, Cambridge University Press;
- Abramson, Paul e Ronald Inglehart (1994), "Economic Security and Value Change", *The American Political Science Review*, 88 (2), 336-354;
- Abramson, Paul e Ronald Inglehart (1995), *Value Change in Global Perspective*, University of Michigan Press;
- Abramson, Paul, Susan Ellis e Ronald Inglehart (1997), "Research in Context: Measuring Value Change", *Political Behaviour*, 19 (1), 41-59, Plenum Publishing Corporation;
- Belchior, Ana Maria (2010), *Democracia e Representação Partidária – A elite parlamentar e os cidadãos*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa;
- Campbell, Angus et al (1960), *The American Voter*, The University of Chicago Press;
- Clarke, Harold (2000), "Refutations Affirmed: Conversations Concerning the Euro-Barometer Values Battery", *Political Research Quarterly*, 53 (3), 477-494;
- Clarke, Harold D., and Nitish Dutt (1991), "Measuring Value Change in Western Industrialized Societies: The Impact of Unemployment", *The American Political Science Review*, 85, 905-20;
- Dalton, Russell e Christopher J. Anderson (orgs) (2011), *Citizens, Context and Choice*, Oxford University Press;
- Dalton, Russell e Hans-Dieter Klingemann (orgs.) (2007), *The Oxford Handbook of Political Behavior*, Oxford University Press;
- Dalton, Russell J. e Martin P. Wattenberg (orgs.) (2000), *Parties Without Partisans. Political Change in Advanced Industrial Democracies*, Oxford University Press, Oxford;
- Dalton, Russell (2002), "Political cleavages, issues, and electoral change", em Lawrence LeDuc, R. G. Niemi e Pippa Norris (orgs), *Comparing Democracies 2. New challenges in the study of elections and voting*, Sage Publications, Londres;

Davis, Darren e Davenport Christian (1999), "Assessing the Validity of the Postmaterialism Index", *The American Political Science Review*, 93 (3), 649-664;

Downs, Anthony (1957), *An Economic Theory of Democracy*, HarperCollins Publishers;

Duch, Raymond e Kaare Strom (2004), "Liberty, Authority and the New Politics – A Reconsideration", *Journal of Theoretical Politics*, 16 (3), 233–262, Sage Publications, Londres;

Duch, Raymond e Michael A. Taylor (1993), "Postmaterialism and Economic Condition", *American Journal of Political Science*, 747-779, University of Texas Press;

Evans, Jocelyn (2004), *Voter & Voting: An Introduction*, Sage Publications, Londres;

Field, Andy (2009), *Discovering Statistics using SPSS*, Sage Publications, Londres;

Flanagan, Scott (1982), "Changing Values in Advanced Industrial Societies", *Comparative Political Studies*, 14, 403-44;

Franklin, Mark (2003), "Os enigmas da participação eleitoral", *Análise Social*, 38 (167), 321-338;

Inglehart, Ronald e Scott Flanagan (1987), "Value Change in Industrial Societies", *The American Political Science Review*, 81 (4), 1289-1319;

Inglehart, Ronald (1971), "The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-Industrial Societies", *The American Political Science Review*, 65 (4), 991-1017;

Inglehart, Ronald (1990), *Culture Shift in Advanced Industrial Society*, Princeton NJ, Princeton University Press;

Inglehart, Ronald (1997), *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*, Princeton NJ, Princeton University Press;

Inglehart, Ronald (2000), "Globalization and postmodern values", *The Washington Quarterly*, 23 (1), 215-228;

Inglehart, Ronald (2008), "Changing Values among Western Publics from 1970 to 2006", *West European Politics*, 31 (1-2), 130-146;

Inglehart, Ronald, and Christian Welzel (2005), *Modernization, Cultural Change and Democracy*, Nova Iorque, Cambridge University Press;

Kitschelt, Herbert (1990), "The Left-Right Semantics and the New Politics Cleavage", *Comparative Political Studies*, 23 (210), Sage Publications;

Kitschelt, Herbert (1994), *The Transformation of European Social Democracy*, Cambridge University Press, Cambridge;

Lewis-Beck, Michael e Brad Lockert (1989), "Economics, Votes, Protests – Western European Cases", *Comparative Political Studies*, 22 (2), 155-177, Sage Publications;

Lipset, Seymour e Stein Rokkan (1967), *Party Systems and Voter Alignments: Cross-National Perspectives*, Nova Iorque, The Free Press;

Martinsson, Johan (2013) "Economic Voting in Sweden 1985-2010", *Electoral Studies*, 32 (3), 470–475;

Maslow, Abraham (1943), "A Theory of Human Motivation", *Psychological Review*, 50, 370-396;

McKenzie, Kenneth (2004), *A comparative test of Inglehart's theory of postmaterialism*, Tese de Doutorado, Dublin City University;

Müller-Rommel, Ferdinand (2002), "The Lifespan and the Political Performance of Green Parties in Western Europe", *Environmental Politics*, 11 (1), 1-16, Routledge

- Niemi, Richard G. e Weisberg, Herbert F. (orgs) (2001), *Controversies in Voting Behavior*, CQ Press, Washington;
- Tasić, Svetlana e Milijanka Ratković (2011), "The Issues in the Measurement of Postmaterial Values", *Serbian Journal of Management*, 7 (1), 103-114;
- Tranter, Bruce e Mark Western (2009), "The influence of Green parties on postmaterialist values", *The British Journal of Sociology*, 60(1), 145-167;
- Trump, Thomas (1991), "Value Formation and Postmaterialism: Inglehart's Theory of Value Change Reconsidered", *Comparative Political Studies*, 365-390;
- Van der Eijk, Cees e Mark Franklin (1996), *Choosing Europe? The European Electorate and National Politics in the Face of Union*, The University of Michigan Press.

ANEXO 1 - ACRÓNIMOS

Alemanha

CDU	Christlich Demokratische Union	União Democrata-Cristã
SPD	Sozialdemokratische Partei Deutschlands	Partido Social-Democrata Alemão
FDP	Freie Demokratische Partei	Partido Democrático Livre
PDS	Partei des Demokratischen Sozialismus	Partido para o Socialismo Democrático

(também referido como Die Linke após a coligação com o WASG)

Greens	Die Grünen	Os Verdes
--------	------------	-----------

Holanda

PvdA	Partij van de Arbeid	Partido Trabalhista
CDA	Christen-Democratisch Appèl	Apelo Democrata-Cristão
VVD	Volkspartij voor Vrijheid en Democratie	Partido da Liberdade e Democracia
D66	Democraten 66	Democratas 66
GL	GroenLinks	Esquerda Verde
SGP	Staatkundig Gereformeerde Partij	Partido Reformista (Calvinista)
SP	Socialistische Partij	Partido Socialista
PVV	Partij voor de Vrijheid	Partido da Liberdade
CU	ChristenUnie	União-Cristã
PvdD	Partij voor de Dieren	Partido dos Animais

Espanha

PP	Partido Popular	Partido Popular
PSOE	Partido Socialista Obrero Español	Partido Socialista Operário
IU	Izquierda Unida	Esquerda Unida

Suécia

CP	Centerpartiet	Partido do Centro
SAP	Sveriges socialdemokratiska arbetareparti	Partido Social Democrata Sueco
MSP	Moderata samlingspartiet	Partido Moderado
MG	Miljöpartiet de Gröna	Partido Verde
FP	Folkpartiet liberalerna	Partido Liberal do Povo
VP	Vänsterpartiet	Partido da Esquerda
KD	Kristdemokraterna	Partido Democrata-Cristão

ANEXO 2 – CURRICULUM VITAE

Personal information

First name/ Surnames	João Morgado Vargas
Address	10, Rua David de Sousa 1º Esq, Lisbon, Portugal
Mobile	00 351 916 069 600
E-mail	joaomvargas3@gmail.com
Nationality	Portuguese
Date of birth	August 12, 1990
Gender	Male

Education and training

Dates	2013 – 2015
Title of qualification awarded	Master's Degree in Political Science
Principal subjects covered	Election systems, political parties, electoral turnout
University/school	Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa
Dates	2011 – 2013
Title of qualification awarded	Post-Graduation Degree in New Media and Web Practices
Principal subjects covered	New media, niche journalism, web journalism and online politic communication
University/school	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
Level	16 (in 20)
Dates	2008 - 2011
Title of qualification awarded	Bachelor's Degree in Communication Sciences
Principal subjects covered	Social sciences, Strategic Communication, Political Communication, Political Science
University/school	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
Level	14 (in 20)
Dates	2005 - 2008
Title of qualification awarded	High school degree in Social Sciences and Humanities
Principal subjects covered	History, Geography, Economic, Foreign Language (English) and IT
University/school	Colégio Rainha D. Leonor
Level	18 (in 20)

Work experience

Dates	Since May 2014
Occupation or position held	Service Desk Team Lead
Employer	Xerox Europe
Type of business or sector	Information technologies
Dates	July 2013 – April 2014

Occupation or position held Service Desk Controller
Employer Xerox Europe
Type of business or sector Information technologies

Dates **February 2012 – July 2013**

Occupation or position held Service Desk Representative
Employer Xerox Xerox
Type of business or sector Information technologies

Dates **October 2011 - February 2012**

Occupation or position held Intern Journalist
Employer Dinheiro Vivo/Controlinveste
Type of business or sector Media

Dates **June 2011 – September 2011**

Occupation or position held Media analyst
Employer LPM Comunicação
Type of business or sector Public relations

Personal skills and competences

Mother tongue **Portuguese**

Other languages

Self-assessment

European level ()*

English

Spanish

French

Understanding		Speaking		Writing
Listening	Reading	Spoken interaction	Spoken production	
Excellent	Excellent	Excellent	Very good	Excellent
Very good	Excellent	Elementary	Elementary	Elementary
Good	Good	Elementary	Elementary	Elementary

(*) [*Common European Framework of Reference for Languages*](#)

Social skills and competences

Strong verbal and written communication skills as well as excellent presentation skills where meetings are concerned. Skilled at interacting with all personnel including upper management, as well as company clients. Has the ability to work in groups and to communicate with colleagues and partners.

Organisational skills and competences

Programming manager of a web radio since 2014.
Host and producer of several radio shows since 2011.
Founder and editor-in-chief of an online magazine, from October 2010 to April 2013.
Holder of several positions in Students Associations at University (vice-president for Communication and for Innovation, Patrimony and Sustainability in 2011 and 2012)

Computer skills and competences	ITIL v3 Foundation certification Strong aptitude in MS Office products, including MS Excel, Word, Powerpoint and Publisher. Experienced user in XSM and ESAP. Basic user in XSAP, GSAP and IMS. Has experience of working with audio and video edition software, as Adobe Premiere and Adobe Audition, and with Adobe Fireworks, Adobe Photoshop and Adobe Dreamweaver.
Driving licence	Category B
Additional information	Participated in the conference “Presente no Futuro”, promoted by Fundação Francisco Manuel dos Santos, at 14th and 15th September 2012. Participated in “Switch Conference”, at ISCTE-IUL, at 15th June 2012. Participated in a workshop about webdesign, taught by Hugo Castanho, between March and May 2011. Participated in a workshop about Copyright, promoted by IGAC, at 11th April 2011. Participated in a conference of SIC Notícias, to celebrate the 10th anniversary, at 7th January 2011. Participated in the international seminar “Media, Jornalismo e Democracia”, promoted by Centro de Investigação em Media e Jornalismo, at 8th-9th November 2010. Participated in the conference “E-Day – Dia do Empreendedorismo”, promoted by UNL, at 18th November 2009.